

Jornal da Unicaamp

Campinas, março de 2001 - ANO XV - Nº 159

Ilustração: Félix

SEXUALIDADE



As práticas sexuais em tempos de globalização: um artigo da professora Margareth Rago, do IFCH, coloca mais perguntas do que respostas, mas é esclarecedor

Págs. 4, 5, 6, e 7

MÃEZINHA

Foto: Dário Crispim

A gravidez na adolescência não se deve tanto à falta de informação ou negligência. Muitas meninas desejam realmente ter um filho

Págs. 8 e 9



FUMAÇAIDS

Foto: Júlio César Costa

Pesquisa acusa índice preocupante de contaminação pelo HIV em usuários de crack e gera alerta ao Ministério da Saúde

Págs. 10 e 11



O desafio do ensino superior no século 21

Caderno Temático

A prática do conhecimento

Unicamp reúne prefeitos e oferece pesquisadores e projetos à sociedade

ADRIANA MIRANDA
adriana@reitoria.unicamp.br

A Unicamp espera iniciar a assinatura de convênios com as prefeituras de Campinas e região dentro de 60 dias, visando desenvolver parcerias nas áreas de saúde, educação, meio ambiente, saneamento básico e cultura, além de outros na área social, que tragam benefícios imediatos à população dessas cidades. O primeiro passo concreto da Universidade para estreitar os laços com as prefeituras foi o *I Encontro de Prefeitos na Unicamp*, realizado no campus em 27 de janeiro último, com a presença de 18 dos 22 municípios convidados.

“A Unicamp, consciente de suas responsabilidades públicas, não fugirá ao dever de trabalhar para a melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro”, destacou o reitor Hermano Tavares. A proposta anunciada pelo reitor é a de disponibilizar serviços, o conhecimento de professores e alunos, e projetos já elaborados ou não.

Participaram do encontro 19 cidades da Região Metropolitana de Campinas (RMC), além de Piracicaba e Limeira – onde a Unicamp mantém campi – e de Amparo – cujo prefeito eleito, César Pagan, é docente da Universidade. “Todos os municípios já responderam, cada um especificando que tipo de convênio ou ação a Universidade poderia executar”, esclarece Mohamed Habib, responsável pela Coordenadoria de Relações Institucionais e Internacionais (Cori). A Cori, que organizou o encontro de prefeitos, como coordenadora do projeto, está encarregada também de avaliar e mapear os pedidos para, posteriormente, contatar as equipes de docentes e pesquisadores que desenvolverão os projetos.

Mohamed Habib adiantou que, em vários casos, a Universidade já possui estudos que poderão ser implementados imediatamente. Inúmeros institutos, faculdades e núcleos manifestaram interesse em disponibilizar seus trabalhos.

Saúde e desemprego – Uma solicitação frequente é a transferência da experiência da Unicamp na administração de hospitais ou, na falta destes na cidade, no atendimento em saúde. Em Piracicaba, está definida a ampliação do Programa de Prevenção e Educação em Saúde Bucal para todas as escolas públicas do município. O serviço, prestado pela Faculdade de Odontologia (FOP), contempla hoje 37 creches. “Queremos a Unicamp como parceira pelo grau de excelência da instituição”, afirmou o prefeito José Machado, em reunião com o reitor Hermano Tavares, realizada em fevereiro na FOP para firmar o acordo.

“Temos pedidos, como o de Amparo, para prestação de assessoria econômica na elaboração de programas de combate ao desemprego”, acrescenta Mohamed Habib. Notou-se ainda uma preocupação especial com o meio ambiente, em relação a recursos hídricos, tratamento de água e esgoto e ao problema do lixo. Programas de capacitação de professores da rede de ensino também entraram nas reivindicações.

Como várias cidades apresentam carências comuns, surgiu a proposta de se estabelecer pequenos consórcios para um combate conjunto a determinado problema. No caso do lixo, por exemplo, as prefeituras poderão se unir para a criação de programas e políticas de coleta seletiva e a instalação de usinas de reciclagem desses resíduos. A mesma filosofia poderia ser pensada no caso de tratamento de esgoto e recuperação da qualidade da água nos rios da região.

Via de mão dupla – O reitor Hermano Tavares classifica a parceria com as prefeituras como um projeto audacioso. “Desejamos estabelecer uma via de mão dupla: vamos disponibilizar serviços e conhecimento, mas também vamos aprender com os senhores, como alcançar os caminhos mais curtos e mais eficientes para a aplicação da ciência e do conhecimento”, disse, ao recepcionar os prefeitos.

Tavares ressaltou que a Unicamp não pretende substituir o governo, nem organizar um fórum de prefeitos. “Não somos escritório de planejamento, não visamos lucro. Nossa Universidade é mantida pela sociedade e deve servir a esta mesma sociedade. Temos este desejo e esta obrigação”, destacou.



Encontro de prefeitos na Unicamp: projetos que beneficiem de imediato a população

Região concentra 10% do PIB de São Paulo

A Região Metropolitana de Campinas concentra 10,26% do Produto Interno Bruto (PIB) do Estado de São Paulo, 2,5% do PIB industrial e 3,5% do PIB de serviços. Na região residem cerca de 2,3 milhões de pessoas, representando 7,5% da população do Estado. A dívida global estimada – desde de fornecedores até precatórios – dos 19 municípios que compõem a RCM é de R\$ 2,3 bilhões. Os prefeitos pedem ajuda da Unicamp para visualizar caminhos de como combater esse déficit.

O prefeito Antonio da Costa Santos, presente ao encontro, afirmou que o desemprego no município atinge 19% da população economicamente ativa, na faixa dos 22 aos 40 anos de idade – aproximadamente 90 mil pessoas. O município possui 160 mil favelados.

ANÚNCIO

PARA
ANUNCIAR
NO JORNAL
DA UNICAMP

LIGUE:
FONE/FAX
3239-0962
CEL. 9705-1916

ANÚNCIO

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Reitor Hermano Tavares. Vice-reitor Fernando Galembeck. Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Luís Carlos Guedes Pinto. Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Roberto Teixeira Mendes. Pró-reitor de Pesquisa Ivan Emílio Chambouleyron. Pró-reitor de Pós-Graduação José Cláudio Geromel. Pró-reitor de Graduação Angelo Luiz Cortelazzo.

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade mensal. Correspondência e sugestões Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. Telefones (0xx19) 3788-7865, 3788-7183, 3788-8404. Fax (0xx19) 3289-3848. Homepage <http://www.unicamp.br/impressa>. E-mail imprensa@obelix.unicamp.br. Editores Luiz Sugimoto, Álvaro Kassab e Manuel Alves Filho. Redatores Adriana Miranda, Antônio Roberto Fava, Célia Piglionne, Isabel Gardenal, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Maria Alice da Cruz. Fotografia Antoninho Perri e Dário Crispim. Edição de Arte Oséas de Magalhães. Diagramação Dário Mendes Crispim e Hélio Costa Júnior. Colaboradores nesta edição Carlos Lemes Pereira, Paulo César Nascimento, Júlio César Costa (fotos) e Félix (ilustrações). Apoio Clara Eli de Mello, Dulcinéia B. de Souza e Edison Lara de Almeida. Impressão R. Vieira Gráfica e Editora Ltda. Publicidade (19) 3239-0962

ECONOMIA
ECONOMIA

A velha CLT ainda oferece proteção ao trabalhador

Economista alerta para a volúpia reformista de FHC, que pode dismantelar as já fragilizadas relações de trabalho

PAULO C. NASCIMENTO
pcn@correionet.com.br

Estabelecido na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) desde 1943, o sistema nacional de relações de trabalho, embora aparente estar ultrapassado, ainda é o que assegura para a maioria dos sindicatos de trabalhadores do Brasil condições mínimas para tentar preservar empregos, salários, direitos e conquistas trabalhistas, principalmente por causa da desestruturação do mercado de trabalho e da precariedade nas relações entre patrões e empregados, sobretudo em períodos de estagnação econômica. Ao acenar com a vontade de promover a reforma da legislação trabalhista sem, ao que se supõe, reconhecer esse papel regulador da CLT no frágil cenário sócio-econômico nacional, o presidente Fernando Henrique Cardoso parece distanciar-se da realidade atual do País. A volúpia reformista pode levar ao dismantelamento da estrutura básica do sistema de relações de trabalho, pode esfacelar ainda mais o movimento sindical e comprometer o já combalido crescimento econômico da nação.

A advertência é do economista e professor de economia Josmar Cappa, especialista em economia do trabalho e sindicalismo, que analisou o tema em tese de doutorado defendida na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). *Relações de Trabalho no Brasil: um estudo sobre problemas e dilemas entre Estado, empresários e trabalhadores a partir das transformações econômicas e políticas introduzidas no final do século XX* é um estudo orientado pelo professor Marcio Pochmann e transformou-se no livro *Passado e Presente do Sistema de Relações de Trabalho no Brasil*.

Segundo Cappa, num país heterogêneo, com carências sociais e de precária cultura democrática, a CLT deve ser ponto de partida para a introdução de mudanças capazes de modernizar a convivência entre empresários e trabalhadores e impulsionar a expansão econômica.

É um processo, salienta o pesquisador, que não pode prescindir da presença do Estado, seja para garantir direitos por meio do estímulo à relação contratual formal, seja para requalificar a mão-de-obra e prepará-la para novos setores, enfim, para promover o desenvolvimento sócio-econômico a partir de ações que compensem, pelo menos, parte do antagonismo existente entre capital e trabalho. De acordo com ele, a mão-de-obra contratada com registro em carteira e melhor qualificada obtém, por vezes, melhores salários e, portanto, tem condição de consumir mais, o que traz como resultado riqueza e desenvolvimento ao país.

Oitava economia - Foi assim na década de 30, lembra o economista, quando o Estado teve atuação decisiva na definição das regras e dos procedimentos que estabeleceram as relações entre empresários e trabalhadores no Brasil e na regulamentação de direitos trabalhistas e sociais para categorias econômicas da zona urbana, o que proporcionou a criação de um ambiente favorável à implementação de uma política industrial.

“O Estado organizou, disciplinou e controlou as relações entre empresários e trabalhadores, e procurou evitar a manifestação de conflitos trabalhistas, criando a Justiça do Trabalho e estenden-



Josmar Cappa, especialista em economia do trabalho: “A CLT ainda assegura condições mínimas de trabalho”

do direitos trabalhistas e sociais para categorias econômicas da zona urbana. Desse modo, houve um período de desenvolvimento, com valorização do trabalho”, observa Josmar, que também trabalhou no Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese).

Como resultado dessa atuação do Estado, o País, entre 1940 e 1980, cresceu em média 7,1% ao ano, tornou-se a oitava economia capitalista com um parque industrial diversificado e integrado e criou cerca de 29 milhões de ocupações, sendo 14,5 milhões de empregos assalariados com registro em carteira no meio urbano.

Mas na década de 1980, o Brasil notabilizou-se por apresentar estagnação (crescimento médio anual de 2,9%, entre 1980 e 89), instabilidade monetária, fragilidade das contas públicas e envelhecimento da estrutura econômica, todas produzidas pela submissão à política econômica recessiva do FMI, ressalta o professor. O quadro se manteve nos anos 90, com crescimento médio anual de 1,8% entre 1990 e 99, devido,

principalmente, à implementação da estratégia de desenvolvimento neoliberal.

“Além de não gerar crescimento sustentável, essa estratégia deixou o País vulnerável aos fluxos de créditos externos privados, aprofundou sua inserção subordinada ao comércio internacional e desintegrou parte significativa de sua estrutura econômica”, enfatiza.

A desestruturação do mercado de trabalho urbano é uma das manifestações mais visíveis dessa desintegração, argumenta Josmar. Basta ver a precariedade das relações de trabalho: em 1989 havia 25,5 milhões de ocupações formais que foram reduzidas para 22,3 milhões em 1999.

Outra consequência foi o enfraquecimento progressivo do movimento sindical e o crescimento da ofensiva patronal nas negociações coletivas para retirar ou reduzir conquistas trabalhistas ou piorar conteúdos de cláusulas sociais e econômicas dos acordos e convenções de trabalho, como formas de compensar parte das dificuldades impostas pela política eco-

nômica neoliberal introduzida nos anos 90.

Parâmetros mínimos - Assim, nas circunstâncias atuais do Brasil (em estagnação há duas décadas) e considerando-se que se trata de um país heterogêneo, em construção, com sérias carências em saúde, educação, habitação, infra-estrutura básica, entre outras, e de precária cultura democrática, a preservação do sistema nacional de relações de trabalho poderia garantir mecanismos básicos para que Estado, empresários e trabalhadores reavaliassem tanto a política econômica neoliberal quanto a inserção subordinada no comércio internacional, com intuito de criar condições para gerar crescimento econômico sustentável.

“Sem essa discussão, qualquer intervenção do governo na área trabalhista será prejudicial ao próprio país”, adverte Josmar. Na ausência dos parâmetros mínimos assegurados pela CLT haverá a postergação da precariedade e da informalidade do mercado de trabalho, o que significa mais atraso social e econômico para o país.

Serviço

Passado e Presente do Sistema de Relações de Trabalho no Brasil

264 páginas

Editora LTr
(São Paulo, 2000)

Telefone:
(11) 3826-2788

Homepage:
www.ltr.com.br

Negociação via centrais sindicais

O economista Josmar Cappa, da Unicamp, não é contra reformulações na CLT e até defende a necessidade de aperfeiçoamentos. Em sua opinião, para alguns aspectos a atual legislação é restritiva ao tratar, por exemplo, das negociações coletivas. Os acordos ocorrem uma vez ao ano na data-base de cada categoria, mas não precisariam limitar-se a uma única ocasião.

Segundo ele, tão necessário quanto preservar a data-base é criar condições para que trabalhadores e patrões discutam questões de interesse comum ao longo dos outros onze meses, como faz desde 1997 a Executiva Nacional dos bancários, que constituíram junto à Fenaban onze comissões paritárias para debater permanentemente temas de interesse da categoria e subsidiar as negociações coletivas no mês da data-base (setembro).

Outra mudança que poderia ocorrer na CLT é o reconhecimento das centrais sindicais como representantes legítimos de trabalhadores nas negociações coletivas, privilégio hoje dos sindicatos, que são os atores que constituem acordos coletivos. Acredita o economista, como sinaliza a experiência dos bancários, que a maior participação das centrais poderia resultar no estabelecimento de acordos coletivos mais amplos e que englobariam te-

mas de interesse de todos os trabalhadores, como salário mínimo e jornada de trabalho, e não apenas necessidades de categorias específicas.

Porém, conforme salienta, alterações na CLT não podem significar a anulação completa da legislação atual. Além disso, devem ocorrer como resultado de um amplo processo de discussão de diferentes segmentos da sociedade e contemplar as iniciativas já existentes entre trabalhadores e empresários para o aprimoramento da convivência.

Josmar lembra que, no governo de Itamar Franco, de forma inovadora, o então ministro do Trabalho Walter Borelli instituiu o Fórum Capital-Trabalho com o intuito de propor mudanças na legislação trabalhista a partir de ampla consulta a empresários, trabalhadores, acadêmicos, sindicalistas e advogados. Dali sairia um documento que seria transformado em projeto de lei para ser enviado pelo presidente da República ao Congresso Nacional. Porém, interrompido por conta das discussões econômicas causadas na época pela edição da URV, embrião do Plano Real, o processo adquiriu a forma tradicional de instituir mudanças, ou seja, por projetos de lei, medidas provisórias e propostas de emenda constitucional que se encontram em tramitação no Congresso.

SEXUALIDADE
SEXUALIDADE

Globalização e imaginário sexual (ou ‘Denise está chamando’)

O mundo informatizado afeta radicalmente as relações entre mulheres e homens e as práticas sexuais cotidianas

MARGARETH RAGO*

No oitavo mês da gravidez, Denise se apresenta por telefone ao futuro pai de seu filho e informa ter sido fecundada com seu sêmen por inseminação artificial. Radiante de felicidade, o pai coloca-se à disposição da mãe para conhecerem-se pessoalmente e ajudá-la no que for preciso. Segura e tranqüila, ela afirma nada desejar, nem mesmo encontrá-lo, apenas ser acompanhada pelo telefone celular, no momento crucial do parto.

Este é um dos momentos mais cômicos do filme “Denise está chamando”, do diretor Hal Salwen, recentemente exibido nas telas dos cinemas. Entramos num mundo totalmente informatizado, onde as pessoas, sentadas a maior parte do tempo diante de computadores, refugiam-se em si mesmas, fugindo ao máximo dos possíveis encontros sociais. Apenas se comunicam pelo telefone, conectadas via internet em redes que, no entanto, crescem continuamente.

O filme discute, em forma de comédia, uma questão absolutamente assustadora em tempos de globalização, de internacionalização da economia, de quebra das fronteiras geográficas, nacionais, étnicas e sexuais, de interação midiática: para onde caminhamos em termos de comunicação e de sociabilidade? Para um total isolamento e atomização, para o recolhimento seguro na esfera da vida privada e da intimidade, protegidos pelas máquinas e pelo telefone? Ou estamos vivendo uma intensificação das relações interpessoais e uma quebra das barreiras sociais, individuais e sexuais? As relações pessoais, corpo a corpo, serão mediadas perversamente pelas novas tecnologias, levando-nos a uma terrível solidão e falta de contato físico e sexual? O contato entre duas pessoas será substituído pelo sexo virtual, como alardeiam alguns contemporâneos? Ou, ao contrário, estamos em vias de constituir uma só aldeia global, onde os corpos estarão mais livremente em contato, desembaraçados de antigas mitologias, fantasias e ignorância em relação ao outro?

Essas questões são de difícil resposta e, na tentativa de avançar a discussão, sugiro duas problematizações maiores: a primeira remete às transformações, profundas ou superficiais, verificadas nas *relações de gênero*; a segunda diz respeito às mudanças em nosso *imaginário sexual* propriamente dito, nas imagens, concepções, valores, referências sobre a sexualidade que informam os comportamentos e as práticas sexuais cotidianas. A globalização, entendida em suas dimensões sociais, econômicas, culturais e tecnológicas – e destacando-se o inegável predomínio dos meios tecnológicos e da mídia



Ingrid Bergman e Humphrey Bogart: casais do passado

como forma de comunicação mundial – tem afetado radicalmente não apenas as relações entre mulheres e homens, sobretudo a partir dos espaços conquistados pelas primeiras, mas o próprio imaginário sexual.

Creio mesmo que um novo imaginário social esteja se formando, no qual as imagens, a cultura visual e videocrática certamente substituem a cultura das palavras e a importância da memória, em que o momento presente é arrancado do passado e da história, descontextualizado e autonomizado. Constitui-se uma nova maneira de pensar, entre outras coisas, a dimensão da subjetividade e da sexualidade, cujos signos podemos de algum modo identificar.

De um lado, é visível que depois da “revolução sexual” dos anos 60, houve um repensar dos códigos sexuais e dos padrões de feminilidade e de masculini-

dade que vigoraram por muitas décadas. Desconstruiu-se a antiga dicotomia *bomem-cultura/esfera pública*, oposto à *mulher-natureza/esfera privada*. Os modelos femininos e masculinos de sexualidade, principalmente divulgados pelo cinema e televisão, que orientaram a *constituição de si* de várias gerações, tornaram-se, em grande parte, objeto de risadas e brincadeiras na atualidade. Humphrey Bogart e Ingrid Bergman, Audrey Hepburn e Gregory Peck, Clark Gable e Marilyn Monroe, John Herbert e Eva Vilma (para evocar um modelo brasileiro), que emocionaram as platéias com comoventes interpretações, são vistos como respeitáveis casais do passado, com os quais as novas gerações têm muito pouco a ver.

Continua nas páginas 5, 6 e 7

Ilustração: Félix

SEXUALIDADE
SEXUALIDADE

Gabriela, que não mais seduz

A 'boazuda' que simboliza a sexualidade tropical brasileira é velha demais para nossos jovens

Fala-se agora no corpo performático, artificial, maquínico, nas subjetividades mutantes, nas territorialidades errantes, nas desterritorializações, ao mesmo tempo em que as antigas referências do normal e do desvio são colocadas em xeque, desconstruídas na pós-modernidade. Sobretudo, fala-se na possibilidade de inventar novos territórios desejantes, novos corpos, novas subjetividades, novos modos de existência e, em especial, pensa-se nas novas formas de relação entre os gêneros.

Mulheres e homens ensaiam outras possibilidades de ficarem amorosamente, para além das formas tradicionais de relacionamento, como o namoro, o noivado, o casamento e/ou o adultério. Certamente isto não significa uma erradicação total dos antigos códigos da sexualidade, já que, ao mesmo tempo, coexistem ou mesmo agravam-se antigos problemas de dominação, de violência e de desencontro que caracterizam as relações entre os sexos.

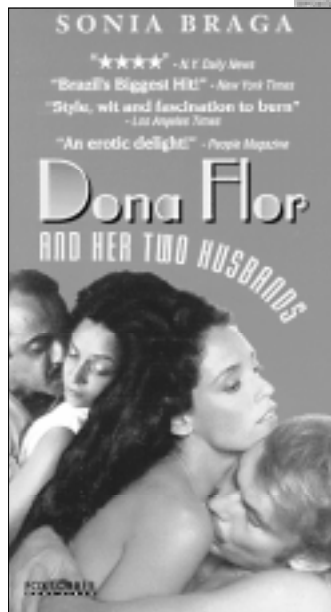
De qualquer maneira, é de se perguntar para onde caminhamos, nesse início de século, em se considerando as relações amorosas e sexuais? Para uma maior aproximação dos gêneros, à medida que antigas barreiras deixam de existir, que se elimina o peso da interferência familiar na escolha do cônjuge, que as formas de relacionamento afetivo e sexual se tornam mais flexíveis e negociáveis, que as questões são debatidas abertamente? Ou o individualismo crescente nos leva, cada vez mais, a buscar refúgio seguro em nosso próprio ego, destruindo as possibilidades de encontro, inclusive na esfera sexual?

Note-se que apesar de toda a engenharia tecnológica que facilita a comunicação e a interação social entre os indivíduos, grupos e povos, apesar de todo o desenvolvimento da psicologia e da psicanálise, que nos mune com incríveis arsenais de entendimento e cura das crises existenciais e conjugais, apesar de todas as discussões que temos tido em relação à necessidade de abertura para a diferença e para as diversidades culturais, apesar de tudo e infelizmente, não temos vivido num mundo mais amoroso e solidário, nem mais aconchegante. Chama a atenção, aliás, o crescimento da intolerância em vários níveis, do racismo à defesa de instâncias pessoais.

Relativizo, no entanto, esta visão um tanto catastrófica, indicando que, ao mesmo tempo, constata-se uma profunda mudança no imaginário sexual, nas formas de manifestação do desejo que caracterizaram o comportamento das gerações mais velhas. Exemplificando: roupas, ligas, cintas, objetos sexuais, vídeos pornô, as parafernálias dos *sex-shops*, criadas na grande maioria no século passado, tornaram-se peças envelhecidas de museu, ou são ainda capazes de mobilizar sexualmente as novas gerações, convidando os interessados a entrarem nas supernovas lojas do *Ponto G*, ou no mais recente *Planet Sex*?

A mulata gostosa e sensual, a "boazuda" da cultura sexual brasileira, obsessivamente invocada por Gilberto Freyre e cantada por Jorge Amado, ainda seduz os jovens brasileiros, de classe média, baixa ou alta? Embora ainda se exporte a mistificação da sexualidade tropical brasileira, observamos, ao menos internamente, o esgotamento da sedução de Gabriela.¹ Envelheceram tanto a mulher super-sensual estilo Amélia, quanto o conhecido "galinha" ou "garanhão", famosos personagens de *Dona Flor e Seus Dois Maridos*. O vermelho ainda é a cor erótica por excelência, ou se tornou cafona diante das novas tonalidades hiper-sofisticadas das roupas íntimas?

Anti-Vinicius e anti-Marilyn – É possível dizer que o modelo masculino, desde os anos noventa, é o homem auto-centrado, de cabelos curtos



Dona Flor e seus Dois Maridos: envelheceram tanto o garanhão como a "boazuda" tropical brasileira

ou rabo de cavalo, charmoso, "na dele", como diríamos. Um tipo mais para difícil que disponível, firme e decidido, que não escorrega facilmente, não diz besteiras, aliás, fala pouco e pensa para falar e que, principalmente, não "dá baixarias". Esta figura elegante jamais cometeria determinados atos tradicionais na conduta masculina brasileira, como passar a mão no traseiro de uma mulher, ou assobiar quando ela passa: tal comportamento lhe é estranho, além de ridículo. Se alguém deve assobiar agora, será ela, ante o impacto que ele provoca. Na verdade, ele é o anti-Vinicius de Moraes.

Da mesma forma, a mulher atual já não é tão dócil, passiva, insegura e vitimizada. Independente, é agressiva no mercado, inclusive o sexual. Toma iniciativas, conquista, leva para cama, dispensa após o sexo, sabe bem o que quer. Ela é a anti-Marilyn Monroe, que parece ter sobrado para os homossexuais mais tradicionais. Afinal, também aqui uma nova cultura emerge, onde a figura máscula e atlética parece ter vantagens.

Estas mudanças apontam para a saturação e superação dos antigos códigos sexuais e dos tradicionais jogos de sedução, levando a uma situação bastante inusitada, pois desconhecida, de redefinição dos mesmos. O desencontro entre mulheres e homens, constatável e amplamente discutido, traduz um profundo mal-estar na heterossexualidade, a partir da crise das identidades sexuais e da destabilização das antigas referências morais.

Se sempre houve um profundo abismo entre os sexos, a questão vem sendo cada vez mais debati-

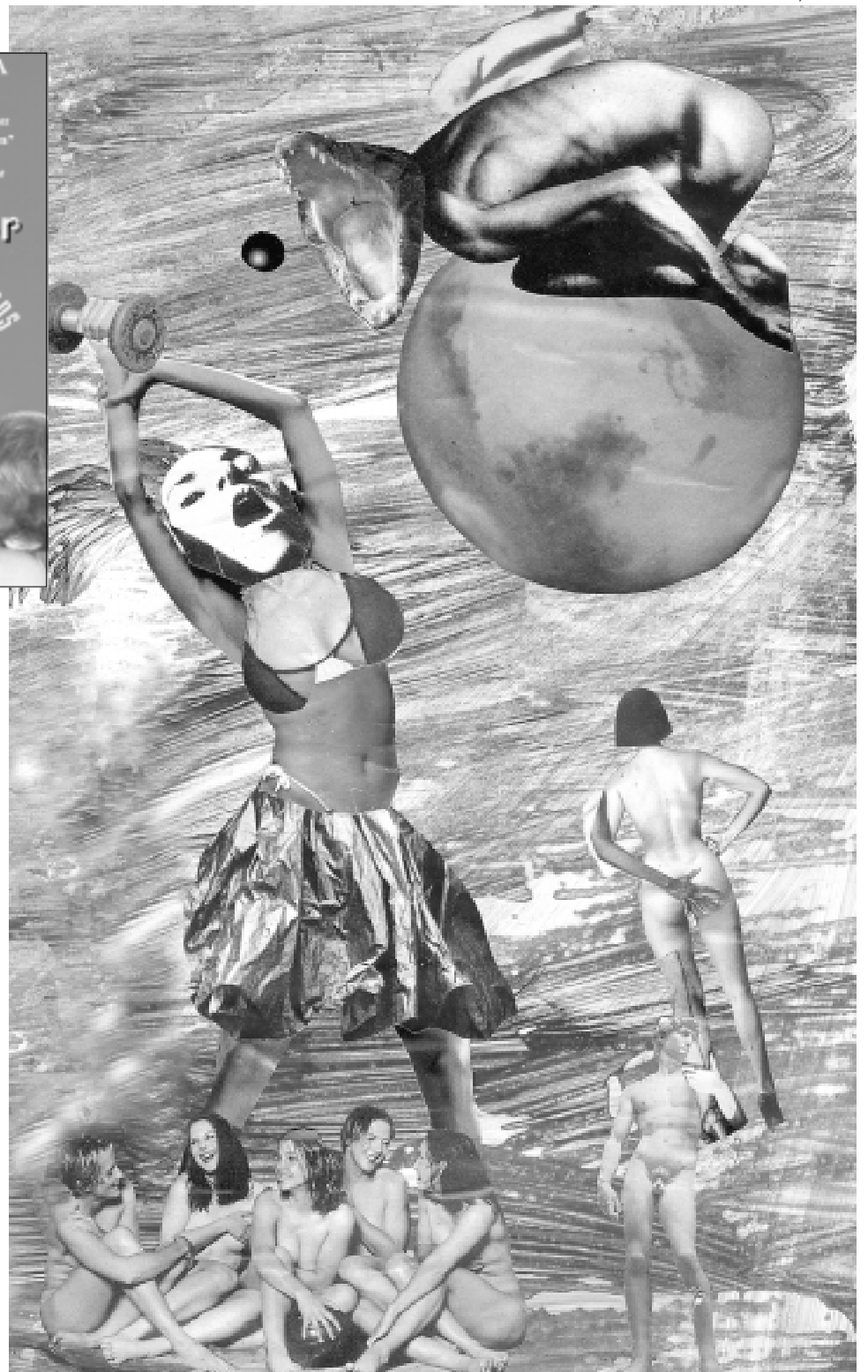


Ilustração: Felix

da publicamente, na busca de novas formas de convívio e de interação social e sexual. Procuram-se novas possibilidades de comunicação afetiva, a partir de um tipo de negociação estabelecida entre parceiros, que se defrontam como iguais em todos os níveis e não mais hierarquicamente localizados, como nas relações sexuais do passado. Mulheres e homens podem agora encontrar-se face a face, sem fundar sua relação em algum tipo de dependência financeira ou psicológica, como antes.

Contudo, os rumos que se delineiam são bastante obscuros e embora se acredite que estejamos caminhando para um mundo mais feminista e libertário, com muito mais alternativas e espaços abertos, é também difícil manter tanto otimismo. Sinais opostos também se evidenciam fortemente, levando-nos a procurar formas de interpretação e entendimento que nos permitam situar e interferir social e individualmente. (M.R.)

¹ Para uma excelente discussão sobre a cultura sexual no Brasil, veja-se **Richard Parker - Corpos, Prazeres e Paixões. Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SEXUALIDADE
SEXUALIDADE

Dia-a-dia sem o erótico

Está havendo menos interesse pelos jogos de sedução ou uma redefinição dos códigos de sexualidade?

Em tempos de globalização, vive-se uma profunda dessexualização da vida cotidiana, ou banalização do sexo. Na verdade, eu poderia avançar: dessexualização ou re-sexualização? Trata-se de uma diminuição no nível da sexualização, dos jogos de sedução, do interesse pelo erótico e pornográfico, ou de uma re-significação das práticas sexuais? Estaria havendo uma redefinição dos códigos de sexualidade e do próprio imaginário sexual, ou uma perda radical do erotismo, do tesão e da sensualidade, por um mundo mais racional, frio, técnico e mecanizado?

Suponhamos que a primeira tendência esteja se constituindo com maior força. Então, devemos considerar primeiramente os lugares onde se podem perceber sinais e evidências da transformação dessexualizante. Os corpos maquímicos se opõem às excitantes curvas corporais femininas, apreciadas no passado: os seios grandes para os americanos, a bunda para os latinos. As cinturas muito finas tornam-se motivo de chacota para as gerações mais jovens, enquanto os novos padrões de beleza passam a valorizar o corpo magro, ágil, retilíneo, moderno e sobretudo jovem, para homens e mulheres. As dietas crescem ao lado das academias de ginástica que prometem emagrecimento e enrijecimento da musculatura, através de exercícios com as máquinas e pesos de musculação. Desde os anos sessenta, a moda torna cada vez mais indistinta a diferenciação dos sexos, a exemplo dos *jeans*, jaquetas, bermudas, camisões, bijuterias. O corpo belo, produzido, estetizado e bissexualizado está para ser visto, admirado e observado, menos para ser tocado.

A transparência total das práticas sociais e sexuais exigidas no mundo atual esvaziaram, ao mesmo tempo, o sentido dessas próprias práticas. Assim, mesmo que a bunda se torne um elemento muito rentável, pelo sucesso que alcança no imaginário masculino brasileiro, já não pertence à "boazuda" do passado, mas a uma loira jovem e magra, que está mais para professora de aeróbica do que para sedutora; o *strip-tease* perdeu seu mistério e encanto; o bordel deixou de ser o principal lugar dos encontros clandestinos e dos "amores ilícitos", das perversões sexuais e orgias como era desde os anos 20; as práticas sexuais baseadas no jogo do esconde-esconde, que enlouqueciam os coronéis latifundiários no Bra-

sil dos anos 30 e 50 foram mundialmente criticadas pelos mais jovens, sobretudo nos anos 60, tanto com o movimento *hippie* – que apostou na transparência e no natural como símbolos de autenticidade –, quanto com a própria Revolução Sexual.

Camisinhas intactas – Em artigo recente publicado numa revista de grande circulação, o autor discute a profunda dessexualização da vida contemporânea. Afirma que o sexo interativo não-virtual, ou seja, a antiga relação sexual, está-se tornando uma "curiosidade do passado", que entusiasma a muito poucas categorias sociais como parte do proletariado, os índios e alguns jovens, que também o abandonam rapidamente por um par de patins *in-line*. O não-sexo seria, então, o comportamento moderno por excelência nos dias atuais, em que surgem os Clubes de Castidade, a exemplo dos da Espanha. Em suas palavras: "O machão contemporâneo se gaba das mil mulheres maravilhosas que heroicamente não levou ao leito e de sua fabulosa coleção de camisinhas estrangeiras, todas elas intactas dentro dos invólucros." Ao mesmo tempo, uma pesquisa recente nos Estados Unidos afirma que a família ideal é hoje formada por um solitário, um animal de estimação e um computador multimídia, plugado na Internet.

Em artigo publicado no jornal *Folha de São Paulo*, de 20.08.96, Paul Virillo sugere o "perigo da perversão" representada pela diversão tecnofílica – ou como o sexo normal se transforma na zoofilia. A atração pelos computadores substituiria o desejo sexual. *Cybersexualidade*, diz ele, é o tema de seu próximo livro: a internet e a tecnologia viram substitutos da sexualidade. Este é, aliás, o tema do filme "*Denise está chamando*". Nele, as relações sociais e não apenas sexuais passam a se dar totalmente mediadas pelos computadores, telefones e demais tecnologias. Todos se comunicam, interagem, formam redes de apoio, socorro, amizade, amor e até de sexo... oral, sem contato físico além da voz que viaja, tímida ou convidativa, pelos fios. Todos marcam encontros continuamente, mas não comparecem na hora marcada. Todos querem e não querem se ver ou conhecer. Todos estão sós diante de seu computador, com o telefone ao lado, superprotegidos pelas máquinas, fragilizados em sua solidão, carentes, infelizes, à exceção de Deni-

Superman hoje, nos canais a cabo: personagem criado em 1933 em prol da virilidade



se, que carrega o filho na barriga, contraído pela injeção de um sêmen. Ela é, aliás, a única que não está nos interiores, mas circula pelas ruas todo o tempo e é também a única que está todo o tempo acompanhada pelo filho virtual, no ventre. Mesmo assim, telefonando. É também a única que se encontra com o pai de seu filho numa falhada e não realizada festa de fim de ano. Tempo virtual.

Mil proteções – Aqui poderíamos pensar numa das teses de Richard Sennett, apresentadas em "*O Declínio do Homem Público*".¹ Procurando entender a profunda descrença do homem contemporâneo no mundo público e o enorme investimento no privado e na subjetividade, o sociólogo observa que a maior transparência na arquitetura contemporânea ("arquitetura da visibilidade") não levou a uma eliminação das barreiras sociais, mas, ao contrário, reforçou as distâncias psíquicas entre os indivíduos. Se a esfera pública é vista como ameaçadora e devoradora, é preciso que as pessoas se protejam de mil maneiras, especialmente refugiando-se num espaço interno, psicológico, afetivo, que cada vez mais se amplia, com o desejo de privacidade e de intimidade. Neste novo mundo em que se evita o choque e em que se tenta neutralizar o inesperado o mais rapidamente possível, a sexualidade deixa de ser pensada em termos relacionais (a partir do modelo da penetração), para ser vivida enquanto problema íntimo (enquanto prazer solitário), ou relação consigo mesmo, como mostra Foucault, em "*Sexualidade e Solidão*".² (M.R.)

¹Richard Sennett - *O Declínio do Homem Público*. SP: Companhia das Letras, 1989.

²M. Foucault e R. Sennett - "*Sexualidade y Soledad*", in Thomas Abramam - *Foucault y la Etica*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1988.

Super-Homem e Tarzã dos Macacos

Em relação ao corpo masculino, vale notar que o Super-Homem dos quadrinhos, criado em 1933 por Jerry Siegel e apresentado na revista *Action Comics* em 1938, foi destronado pela Revolução Sexual dos anos 60. Tarzã, construído pelo escritor Edgar Rice Burroughs, apareceu pela primeira vez em 1912, nas páginas da revista *All-Story Magazine*; o conto "*Tarzã dos Macacos*" saiu em livro pela primeira vez em 1914 e foi o maior *best-seller* do ano; sua primeira versão para o cinema foi produzida em 1918. Vivia-se, então, um momento de grande preocupação com a formação dos jovens e com a virilização da raça. Diante das mudanças provocadas pela entrada das mulheres no mercado de trabalho e pelas inovações tecnológicas que tornavam o trabalho mais leve, as elites governantes, assustadas com um possível amolecimento da juventude, passaram a defender o revigoramento físico dos futuros cidadãos da pátria.

Portanto, estes heróis foram produzidos num momento de profunda apreensão causada pela modernização e industrialização das décadas iniciais do século. A desestabilização das antigas referências sexuais deixou a sociedade em pânico. Medo da "anarquia sexual", como quer Elaine Showalter, com a ampliação dos espaços do desejo (cabarés, bordéis, cafés-concertos); medo do feminismo (as mulheres deixariam de ser mulheres?, as famílias se desagregariam com o trabalho feminino fora do lar?); medo do homossexualismo (estariam os homens se afeminando?, perderiam a virilidade?); medo da proximidade dos corpos, com os bailes e novas danças, com os esportes, a natação e os maiôs e as ameaças de explosão de desconhecidas "perversões sexuais", como passavam a ser catalogadas as práticas sexuais ilícitas, desde o último quarto do século anterior.¹

Otto Winingger, autor de "*Sexo e Caráter*" (1903) "faz alarde das leis do patriarcado no momento em que crê ver impor-se um novo matriarcado triunfante. Celebra as magnificências e pompas do masculino para melhor poder acusar a decadência da virilidade moderna."² Bachofen, Wagner, Nietzsche lamentam o crepúsculo do patriarcado. Para Nietzsche, "a feminização dos

homens e a virilização das mulheres tornam a humanidade culturalmente estéril e inapta a engendrar personalidades superiores."

Nesse contexto, os homens cultos foram favoráveis, desde as primeiras décadas do século 20, ao enrijecimento disciplinar na educação física e moral da juventude, à introdução dos esportes militarizantes, do escotismo, de um tipo de educação, enfim, que formasse jovens fortes, corajosos, sádios e produtivos para a pátria. A eugenia veio reforçar essas teses, indicando os casamentos sanguíneos capazes de criarem a raça pura, da mesma forma que indicava os que deveriam ser evitados por reproduzirem seres deficientes ou degenerados.

Aranha devoradora – Muitos desses fantasmas ainda permanecem firmes entre nós. Penso no famoso medo provocado pelas "novas mulheres" sobre os homens, antes e depois. Segundo pesquisa realizada pela revista *Desfile*, de novembro de 1997, intitulada "*Homens – Por que eles têm medo de mulher?*", todos os entrevistados, de várias idades e profissões, afirmam que a inteligência e a independência femininas são traços muito assustadores.

Se esses medos também têm sua história, se não nascem hoje como podemos lembrar a partir dos mitos da sereia, da "vagina dentada", da aranha devoradora, da mulher fatal, de Salomé, atualmente vêm à tona de outras maneiras, mas com muito vigor, afetando inevitavelmente as relações sexuais. "Os homens estão com medo", dizem as mulheres, num mundo em que a presença feminina se torna cada vez mais forte e insistente.

¹ Elaine Showalter - *Anarquia Sexual*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993

² Jacques Le Rider - *A Modernidade Vienense e as crises de identidade*. RJ: Civilização Brasileira, 1993, p.155

SEXUALIDADE
SEXUALIDADE

O novo significado do sexo

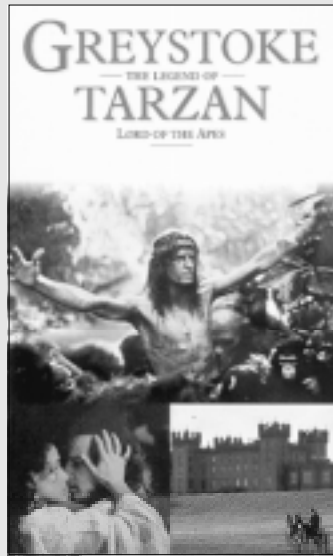
Pensando em direção oposta, imaginemos que está se intensificando a busca pelo prazer sexual

Agora, proponho pensar em direção oposta, focalizando o tema da re-sexualização do social. Digamos que uma re-significação do sexo está em curso. Digamos que não está havendo uma perda do interesse pelo sexo, mas uma mudança na maneira pela qual ele é representado e experimentado e, ao contrário, assiste-se a uma intensificação da busca pelo prazer sexual, pelo sensual e pelo erótico.

Uma nova economia desejanse se configura, segundo a qual o sexo deixa de ser representado como energia negativa e vulcânica, que transbordaria apesar das repressões da cultura e assumiria formas de "psycopathia sexualis", como afirmavam Richard von Krafft-Ebing, Cesare Lombroso e Freud. Passa a ser pensado enquanto energia positiva que deve ser gasta e não acumulada, diante do medo do desperdício como no passado, deve ser utilizada para revitalizar, para "energizar", como se lê nas páginas da revista *Nova*. Aqui predomina a concepção de que a energia sexual não se gasta, nem é canalizada para a produção, como acreditavam os marxistas, mas que é positiva, deve circular e fluir para tornar o indivíduo saudável e equilibrado.

Digamos que à ideologia do trabalho sucede a valorização do prazer e do ócio. O tema da *estetização da existência* vem abrir alternativas importantes para se pensar novas formas de construção de si e da relação com o outro, numa nova relação com o tempo livre: a idéia de uma nova temporalidade está em jogo. Também o tempo não deve ser vivido como algo que se perde, mas num ritmo natural, obedecendo-se ao tempo interno de cada um e de cada coisa: anti-taylorismo.

Quanto ao prazer, afirma-se cada vez mais freqüentemente a importância de gostar do que se faz, de trabalhar, estudar, viver com prazer, com tédio; reclama-se a importância da elevação da autoestima, de se amar, de gostar do próprio corpo. Até mesmo a igreja defende o auto-erotismo hoje. Isto é uma forma de sexualizar a vida cotidiana em múltiplas esferas. Aqui, então, estaria ocorrendo não um movimento de dessexualização, mas, ao contrário, uma redefinição do campo sexual, não mais confinado ao espaço das relações sexuais específicas. Nem o orgasmo hoje é pensado apenas como um momento circunstanciado em que uma parte do corpo vibra. O orientalismo vem levantar o tema dos múltiplos orgasmos nas muitas partes do corpo feminino e masculino. Homens e mulheres passam a experimentar outras zonas erógenas. Os parceiros sexuais podem ser ou não do mesmo sexo. Propõe-se a substituição do conceito de homossexualidade por homoerotismo.¹



Tarzã, best-seller em 1914: modelo para os cidadãos da pátria

Parece, então, que assistimos a uma grande transformação no imaginário sexual, marcado sobretudo pelo *desconfinamento do sexo*. Esta tese, segundo a qual as práticas cotidianas individuais e coletivas estariam sendo fortemente investidas pelo desejo e pela sexualidade, encontra-se em grande parte com a da "despervertização do sexo" de Anthony Guiddens. Para este autor, em oposição ao tema do enclausuramento do desejo através da "implantação das perversões sexuais", que Foucault localiza na sociedade disciplinar, estaríamos vivendo uma certa aceitação das práticas sexuais outrora ditas ilícitas, como normais.² Por exemplo, já não nos choca assistir à performance de Madonna, que ao cantar simula uma relação sexual com o microfone.

Assim, distanciando-se das teses defendidas pelo filósofo francês, segundo as quais a sociedade disciplinar teria aprisionado as práticas sexuais na figura das "perversões", desde a era vitoriana, o sociólogo inglês afirma que, hoje, emerge a "sexualidade plástica": "a sexualidade tornou-se maleável, sujeita a ser assumida de diversas maneiras, e uma "propriedade" potencial do indivíduo." Uma vez



* Margareth Rago, autora deste artigo (páginas 4, 5, 6 e 7), é professora do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e colaboradora do Grupo de Estudos Interdisciplinar em Sexualidade Humana (Geish) da Unicamp

que a reprodução desvinculou-se da atividade sexual, esta se autonomizou, podendo então "tornar-se totalmente uma qualidade dos indivíduos e de suas relações mútuas."

Liberou geral –Aqui e agora, o que se observa, nesta direção, é que o capitalismo liberou geral. O desconfinamento do sexo é visível. Na moda, na roupa, na aparência, nos gestos ou nos comportamentos: o fio dental na praia, a mini-saia, a mini-blusa, roupas bem justas realçando o corpo, a maquilagem – note-se que entre o que antes seria a roupa da prostituta e a da "mulher honesta" já não há hoje diferença alguma. A "cocotinha" é uma jovem classe média, rica ou pobre, vestida de *cocotte* dos anos vinte, com gestos bastante livres e ousados, mas que nada tem de prostituta a não ser a referência à roupa do passado. Descontextualização total, a referência ao passado é apenas um jogo lúdico. (M.R.)

Jurandir Freire Costa - *A Inocência e o Vício*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

Anthony Guiddens - *A Transformação da Intimidade*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

No quarto de casa, como num bordel

Nas práticas especificamente sexuais, dificilmente se poderia dizer quais os limites do que ocorre no quarto do casal. Quais as diferenças hoje entre o quarto do casal na casa ou num bordel? Este, aliás, já virou passado. A inversão das posições na cama, o sexo oral, anal, a masturbação, o homossexualismo, o lesbianismo, e demais práticas que constituíam as "perversões sexuais" do dr. Krafft-Ebing estão principalmente nas páginas das revistas femininas da classe média.

Rimos das idéias do dr. Lombroso, para quem a prostituta é uma "degenerada nata", ou para quem o onanismo provocaria loucura, ou da idéia de que tais práticas sejam consideradas anomalias, demência e doença. Ou, em outras palavras, as feministas que fizeram a Revolução Sexual redescobriram o orgasmo clitoriano, entre o final da década de 60 e início da de 70. Superaram a problemática da divisão mulher-puta, abriram caminhos nos campos da sexualidade e da política (campos que aliás eram totalmente confundidos), exigiram direitos sexuais.

Dois décadas atrás, "mulher pública" designava a meretriz e não a mulher que participa da esfera pública e da política. Passamos as décadas de 70 e 80 desconstruindo o "dispositivo da sexualidade"; inúmeras teses e pesquisas desvendaram o universo das mitologias misóginas construídas sobre o corpo feminino. No caso do feminismo, a libertação da mulher supôs a desconstrução de todas as antigas

crenças sobre seu corpo, sua sexualidade, a maternidade, assim como a descoberta de novas tecnologias produtivas.

Os homossexuais, por sua vez, investiram radicalmente contra o modelo do super-macho, que Rock Hudson encarnara sem dificuldades na tela. Apontaram para outras possibilidades de construção da masculinidade, à mesma medida que questionaram e ridicularizaram o rígido modelo masculino tradicional, convergindo de certo modo com as feministas. Além disso, propuseram novas formas de relacionamento amoroso, revelando o quanto as práticas heterossexuais estavam envelhecidas e desenergizadas.

É difícil concluir, ou, pelo menos, dar alguma resposta definitiva. Para mim, permanece a pergunta: para onde vamos em se tratando dos jogos da sedução? Diante de tantas possibilidades colocadas pela diversidade cultural, diante de tanta crítica e desconstrução dos significados simbólicos investidos nas construções das identidades sexuais e nas formas de relacionamento, continua a dúvida: para onde apontam as novas relações de gênero, hetero ou homossexuais, em tempos de globalização?

Nota: No final do filme, Denise se encontra com o pai de seu nenê, na porta da casa onde deveria se realizar a festa de Ano Novo. Novamente, ninguém mais aparece. Os três vão embora, caminhando lado a lado.

PESQUISA
PESQUISA

Fotos: Dário Crispim

ADRIANA MIRANDA
adriana@reitoria.unicamp.br

Uma pesquisa feita na Unicamp derruba a crença de que as principais causas de gravidez na adolescência seriam a falta de informação sobre métodos anticoncepcionais ou a negligência. O estudo, em andamento, mostra que praticamente todas as meninas na faixa etária de 11 a 19 anos de idade conhecem muito bem as formas de prevenção, como camisinha e pílula. E que sua atitude, de não fazer uso desses métodos, nem sempre é irresponsável: uma parcela significativa, 24,5%, justificou a gravidez precoce pelo fato de ansiar por ter um filho.

A pesquisa faz parte da tese de mestrado do ginecologista e obstetra Márcio Belo, sob orientação do diretor do Departamento de Tocoginecologia do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism), João Luiz Pinto e Silva. Foram entrevistadas, no período de outubro de 1999 a agosto de 2000, 156 meninas atendidas pelo Ambulatório de Pré-Natal de Adolescentes, serviço que funciona no hospital.

“É um erro acreditar que as adolescentes desconhecem formas de prevenção”, afirma Silva. Dentre as entrevistadas, apenas 1,9% declarou ignorância quanto à contracepção. O próprio diretor do Caism realizou, na década de 80, pesquisa semelhante. E os dados mapeados nesses vinte anos mostram que a informação quanto à camisinha evoluiu consideravelmente e que pouco variou em relação à pílula.

Na década de 80, 91% das adolescentes conheciam a pílula anticoncepcional e apenas 12%, o preservativo. Hoje, 98% das adolescentes sabem da pílula e 99,4%, do chamado “condom”. “Os programas de combate à Aids são os principais responsáveis pelo alto grau de conhecimento da camisinha”, constata o diretor.

Há 20 anos, 26% das adolescentes declararam que não usavam métodos anticoncepcionais por julgar que não engravidariam e 52,5% manifestavam o desejo de ser mãe. “Nesta pesquisa vemos que a vontade de engravidar diminuiu, assim como o número de jovens que não acreditam na hipótese de gravidez”, compara Belo. Em seu levantamento, 10,4% negligenciaram da contracepção, por achar que não engravidariam.

A repetição da pesquisa, duas décadas depois, é proposital. “O objetivo é descobrir se houve alteração na forma de pensar das adolescentes”, informa Silva. O estudo permite detectar que o conhecimento sobre métodos anticoncepcionais cresceu, mas que esta informação continua não se traduzindo em prevenção.

“Existe uma lacuna muito grande entre conhecimento e uso efetivo”, ressalta Belo. Ele lembra que a não utilização se deve a diversos fatores, inclusive ao desejo de ser mãe. “Não podemos esquecer que 24,5% das adolescentes entrevistadas queriam ficar grávidas e que outras 2,8% não se importavam com o fato de isto ocorrer”. (veja o quadro)

Equívocos – Orientador e orientado alertam que as campanhas para evitar a gravidez precoce estão no rumo errado. “O enfoque deve ser menor na infor-

Elas sabem o que fazem

Pesquisa com adolescentes grávidas indica que 98% conheciam a pílula, 99,4% a camisinha e 24,5% desejaram ter o filho

mação sobre os métodos de prevenção e maior na importância quanto ao uso”, diz o diretor do Departamento de Tocoginecologia. Na pesquisa, 17,9% das adolescentes opinaram que os métodos anticoncepcionais são inconvenientes.

João Luiz Silva e Márcio Belo reclamam da escassez de campanhas institucionais voltadas exclusivamente para o combate à gravidez na adolescência. Os caminhos para reduzir a incidência, comentam, são principalmente o diálogo franco e aberto entre pais e filhos e programas de educação sexual adequados nas escolas. “Quando o tema é sexo, ainda existe muita dificuldade de comunicação dentro da família e por parte dos próprios professores em abordar o assunto”, aponta Belo. Silva observa que, mesmo nos consultórios médicos, ain-

da se percebe esta dificuldade.

Do total de partos realizados no Caism, 20% envolvem adolescentes. Há 20 anos este percentual era de 25%. “Em comparação a outras áreas do Brasil, como as regiões Norte e Nordeste, onde o índice é de 30%, a região de Campinas não tem percentuais alarmantes”, comenta Silva. O maior número de partos precoces ocorre entre 15 e 19 anos de idade. A quantidade de ocorrências foi o fator que levou o Caism a criar um serviço exclusivo para atendimento de adolescentes, onde se dá ênfase ao trabalho de informação sobre métodos de prevenção à gravidez.

Conhecimento dos métodos (anticoncepcionais e do período fértil)	
Anticoncepcional oral	98%
Camisinha	99,4%
Coito interrompido	62,8%
Tabelinha	60,9%
Diafragma	39,1%
Anticoncepcional injetável	82,7%
DIU	76,3%
Período fértil	11,5%

Classe Social	
Média alta	5,8%
Média baixa	54,5%
Pobre	35,3%
Muito pobre	10,3%

Estado Civil	
Solteira	42,3%
Casada	9,0%
Amasiada	48,1%
Separada	0,6%

Características da prática sexual entre adolescentes gestantes	
<input type="checkbox"/> A primeira relação ocorreu com a idade média de 14 anos	
<input type="checkbox"/> Número médio de parceiros é de 1,1	
<input type="checkbox"/> Frequência de relações sexuais: 39,7% praticam 1 a 2 vezes por semana	
<input type="checkbox"/> 57,5% fizeram uso de método anticoncepcional na primeira relação sexual	
<input type="checkbox"/> 87,1% das que se preveniram usaram como método a camisinha	
<input type="checkbox"/> Prática de sexo oral: 25,6%	
<input type="checkbox"/> Prática de sexo anal: 5,1%	
<input type="checkbox"/> Nenhuma adolescente indicou experiências homossexuais ou relações sexuais por dinheiro	
<input type="checkbox"/> 11,5% foram vítimas de agressão sexual	

Estuda		Religião	
Sim	48,1%	Espírita kardecista	0,6%
Não	51,9%	Umbanda/Candomblé	0,6%
		Evangélica	19,2%
		Católica	58,3%
Trabalha		Outra	1,9%
Sim	11,5%	Sem religião	19,2%
Não	88,5%		

Reincidência na gravidez é grande

O estudo do médico Márcio Belo, além de constatar que o conhecimento de métodos anticoncepcionais não se traduz em prevenção, mostra que é alta a reincidência na gravidez entre as adolescentes de 11 a 19 anos de idade. Na pesquisa a taxa foi de 21,2%.

O Caism, onde a pesquisa foi realizada, é um hospital que atende à população mais carente, o que justifica o fato de 54,5% das entrevistadas pertencerem à classe média baixa, 35,3% à classe pobre e 10,3% à muito pobre. Esta condição econômica torna preocupante não apenas a reincidência, como outros problemas nela embutidos.

A gravidez na adolescência traz um risco considerável de complicações para a mãe e a criança, em virtude do atendimento médico pré-natal insatisfatório. A má assistência ocorre em grande parte dos casos porque, normalmente, a adolescente esconde a gravidez até a fase mais adiantada, impedindo um bom atendimento desde o início da gestação.

Outra consequência ruim é que a adolescente costuma abandonar os estudos ao engravidar. Segundo o pesquisador, a escola raras vezes dispõe de estrutura adequada para acolher uma menina grávida. “Ela desiste de estudar durante a gestação ou logo após o nascimento da criança, comprometendo seriamente seu futuro profissional”, salienta.

A baixa escolaridade é característica nessas famílias. Dentre as entrevistadas, os pais de 5,1% são analfabetos e de 57% têm apenas o ensino fundamental. Entre as mães das adolescentes o analfabetismo é maior, chegando a 10,3% contra 71,1% com ensino fundamental.

Márcio Belo acrescenta outro detalhe: “As adolescentes de melhor condição econômica praticam em maior número o aborto, e em locais mais capacitados. O que não ocorre com as mais pobres, por falta de dinheiro. E estas, quando recorrem ao aborto, geralmente vão a locais impróprios”. O médico diz que essa informação sobre o abortamento em adolescentes de menor condição socioeconômica, é referência de outros trabalhos. “Não faz parte das conclusões da nossa pesquisa”, afirma.

Prazer – Em termos de satisfação no sexo, 53,8% das adolescentes afirmaram chegar ao orgasmo “às vezes”, 34% sempre e 12,2% nunca. “O prazer é atingido por muitas das adolescentes”, diz Belo. Apesar de tão novas, muitas adolescentes grávidas não são solteiras (48,1%), mas amasiadas, já compartilhando a mesma casa com o parceiro; 42,3% são solteiras, 9% casadas e apenas 0,6% separadas, divorciadas ou desquitadas.



PESQUISA
PESQUISA



Márcio Belo: 156 entrevistadas



Silva: mesmo estudo há 20 anos

Como lidar com essas meninas?

Vontade de se integrar ao mundo dos adultos, provar ao seu grupo e à sociedade que já está madura e capaz de procriar, escapar de conflitos familiares gerados pelo mau relacionamento com os pais. São alguns fatores que poderiam explicar o desejo de engravidar manifestado por parte das adolescentes entrevistadas pelo médico Márcio Belo, em sua pesquisa sobre gravidez precoce. A psicóloga Regina Sarmento, que atua no Ambulatório de Pré-Natal de Adolescentes, acredita que essas jovens provavelmente tomariam cuidados maiores quanto à contracepção, caso tivessem a oportunidade de concretizar um projeto de vida envolvendo a escola ou a profissão, o que muitas vezes não pode ser almejado por aquelas de classes menos favorecidas.

Regina pondera, contudo, que um projeto para o futuro nem sempre é suficiente. "Não sabemos com certeza o que acontece entre adolescentes. Vários fatores colaboram para que fiquem grávidas. É um erro buscar apenas uma explicação", adverte.

Para a psicóloga, muitas meninas, inclusive as pertencentes às classes média alta e alta, podem engravidar em busca de um alento afetivo, por prova de amor ao parceiro ou simplesmente para se certificar que são capazes de procriar. "Várias delas chegam ao Caism dizendo que demoraram para engravidar, temiam que não poderiam ser mães", exemplifica.

O desejo de ser mãe, observa Regina, é algo inerente às mulheres e não poderia deixar de se manifestar entre as adolescentes. "Biologicamente uma mulher está pronta para dar à luz a partir do momento em que menstrua. O que não significa que ela está psicologicamente madura para isso". Observa a psicóloga, no entanto, que existem meninas que demonstram estabilidade emocional para cuidar dos filhos.

Como lidar com essas meninas? Regina afirma que os pais, assim como a escola, devem manter um diálogo aberto. "Proibir não é correto. O melhor é conversar, explicar e, se for o caso, orientar sobre métodos anticoncepcionais". Ela ressalta que mesmo mulheres adultas não conseguem manter uma conversa franca com



Regina Sarmento: projeto de vida motivaria adolescente a evitar gravidez

seus parceiros. "Falar sobre questões amorosas nem sempre é fácil e, por isso, o conhecimento de métodos anticoncepcionais não é garantia de que eles serão usados", pondera.

Menos preconceito – Com base na experiência acumulada em seu trabalho no Caism, Regina Sarmento afirma que, quando chegam ao ambulatório para o pré-natal, muitas adolescentes demonstram satisfação por estarem esperando um filho. "A mesma satisfação, às vezes, é manifestada pela família. São famílias de adolescentes com 17 anos de idade que, de certa maneira, já esperam que isso ocorra", revela.

A psicóloga atreve-se a concluir que o preconceito em relação à gravidez precoce diminuiu entre as famílias de baixa renda. "Não posso afirmar que a reação seja a mesma por parte dos pais de adolescentes que estão entrando na faculdade ou terminando o ensino médio, porque eles não compõem o público do Caism".

O perfil da população atendida pelo hospital explica o maior número de gestantes adolescentes das classes média baixa e pobre, reveladas no estudo de Márcio Belo. "É muito difícil estimar se as meninas pobres engravidam em maior número que as ricas. As pesquisas normalmente são feitas em instituições públicas ou hospitais-escola. Os dados dos consultórios particulares quase nunca chegam aos pesquisadores para um mapeamento", finaliza Regina.

Motivos para não utilizar métodos anticoncepcionais antes da gravidez

Queria ficar grávida	24,5%
Acha os métodos anticoncepcionais inconvenientes	17,9%
Achava que não ficaria grávida	10,4%
Não pensou nisto na hora	9,4%
Dificuldade de acesso	8,5%
Não estava tendo relações na época	3,8%
Tem efeitos negativos	2,8%
Não se importava em ficar grávida	2,8%
Não conhecia métodos adequados	1,9%
Desnecessário	1,9%
Não conhecia método algum	1,9%
Gravidez faz parte do casamento	1,9%
Confiança no parceiro	0,9%
Por motivos religiosos	1,9%
Não esperava ter relação naquele momento	0,9%
Violência sexual	0,9%
Outros	8,5%

ANÚNCIO

A Aids sob uma cortina

Pesquisa aponta taxa preocupante de contaminação pelo HIV entre usuários de 'crack' e origina alerta ao Ministério da Saúde

CARLOS LEMES PEREIRA
carlao@diariodopovo.com.br

O desafio está instalado no submundo dos grandes centros urbanos brasileiros há tempos. Mas só recentemente o Ministério da Saúde recebeu um alerta fundamentado o bastante para ampliar e até redirecionar as políticas de prevenção à Aids. A contribuição é da psiquiatra Renata Cruz Soares de Azevedo, professora do 4º ano de psicopatologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp e coordenadora de Saúde Mental do Centro Corsini, e indica o crescente poder do *crack* como fator de contaminação e disseminação do HIV, embora essa variação da cocaína não seja consumida pela via injetável.

Mais conhecido nas ruas como “casca” ou “pedra”, o *crack* é produzido a partir da mistura da pasta da cocaína com bicarbonato de sódio, que resulta em porções apropriadas para serem fumadas (*leia box na próxima página*). Dispensa seringas e agulhas, cujo uso compartilhado é um dos principais fatores de transmissão do HIV e outros agentes patogênicos. Além disso, a droga não cai tão diretamente na corrente sanguínea. Então, qual a resposta para o aumento da contaminação entre essa parcela de viciados?

“Principalmente a prática de sexo descuidado, muitas vezes agravada pela prostituição, na qual a moeda, buscada com desespero, é a própria droga”, esclarece Renata. Embora esse indicativo já se esboçasse em estudos anteriores, a expressão estatística alcançada pela pesquisadora a faz admitir: “Inicialmente, eu própria me surpreendi com o elevado índice de soroprevalência para HIV entre usuários de cocaína pela via pulmonar”.

Esse dado foi se configurando à medida que ela desenvolvia a tese *Usuários de cocaína e Aids – um estudo sobre comportamentos de risco*, que lhe conferiu o doutorado em ciências médicas na área de saúde mental, em novembro de 2000. Ao longo de um ano de investigações, 252 usuários de cocaína (nas variantes injetável e *crack*), na faixa etária entre 16 e 51 anos, constituíram o grupo de voluntários para o trabalho. Dos quais, 20% se mostraram portadores do HIV, segundo a testagem sorológica.

“Ou seja, proporção de um em cinco”, frisa a médica. “Naturalmente, o uso de cocaína injetável continua representando o maior risco de contágio, tendo correspondido a 33% da amostra estudada, índice compatível com os consolidados pelas literaturas nacional e internacional”, ressalva. “O que, porém, está longe de afastar a apreensão quanto à elevada taxa de soroprevalência entre consumidores de *crack*, que atingiu 11% no total. Ou mesmo 7%, quando excluímos os que relataram também histórico de uso injetável”, conclui a psiquiatra.

Triste contradição – Sob a frieza desses números, reside uma contradição que Renata lamenta: “Nas entrevistas, houve voluntários que declararam ter se desviado do uso injetável para o *crack*, justamente numa tentativa de fuga da Aids. Na cabeça deles, seria uma ‘prevenção’, sem que precisassem abrir mão da potência da droga, que, fumada, quase equivale à da aplicação direta nas veias”.

A explosão do *crack* no Brasil se deu no início da última década do século 20, quase dez anos após a detecção dos primeiros casos de Aids no mundo. Portanto, o grupo pesquisado pela médica era constituído por usuários de drogas ditas “pesadas” com vivência suficiente para saberem o quanto eram rondados de perto pelo perigo.

Não tão suficiente, porém. A pesquisa mostrou que 51% dos consumidores de cocaína, injetada ou fumada, não mudaram os hábitos, apesar de saberem dos riscos relativos ao HIV. “Só que, enquanto os que se enquadravam mais na categoria de usuários pela via injetável diziam não se importar com tais riscos, a resposta mudava para ‘não imaginava que aconteceria comigo’, em se tratando dos entrevistados que privilegiavam o



Foto: Júlio César Costa

Menor fuma 'crack' nas ruas de Campinas: sistema nervoso central atingido em três minutos

Usuários de *crack* não vêm risco de HIV

“Doutora Renata adverte: o Ministério da Saúde faz campanhas fracas de prevenção à Aids”. Tomando-se a liberdade de parodiar o estilo da própria instituição, pode-se resumir assim o tom do alerta feito pela pesquisadora à instância máxima de saúde pública do Brasil. “Se analisarmos as atuais campanhas, dá para compreender porque os usuários de *crack* não se vêm sob o risco do HIV”, critica a médica. “Afinal, a justificativa ‘achei que nunca ia acontecer comigo’ foi a resposta mais freqüente entre esse segmento de usuários”.

Segundo ela, os próprios relatos espontâneos dos pesquisados evidenciaram a inadequação da linguagem e da abordagem do material produzido para a prevenção à Aids entre consumidores de drogas: “Eles salientaram o uso de termos pouco claros ou de difícil interpretação pelos usuários de drogas em geral, além da ausência de vocábulos que fazem parte de seu glossário particular”.

“Outra crítica”, continua, “foi a não inclusão de situações de risco em potencial, como o compartilhamento do ‘cachimbo’ no uso do *crack*”. A psiquiatra não descarta que essa prática, relatada por 95,2% dos entrevistados, contribua significativamente para o aumento da margem de risco de contaminação: “Geralmente, esses apetrechos são improvisados com latas, antenas de carros e outros materiais que, ao serem manipulados, podem resultar em partes cortantes. Como o *crack* é costumeiramente fumado em grupo, se houver ferimentos de mucosas, o perigo de infecção está colocado”. Ela ressalva, porém, que a pesquisa não averiguou essa hipótese em nível laboratorial.



Renata Azevedo, doutora em Saúde Mental: a resposta mais comum é ‘não achei que ia acontecer comigo’

Em compensação, a médica obteve um dado capaz de forçar uma revisão estatística mundial: a faixa etária dos jovens que se tornam UDIs (usuários de drogas injetáveis) pode estar sofrendo um recuo. “Estudos internacionais situavam a média de idade, até agora, em 19 anos; minha pesquisa aponta para um ano a menos”, revela. Renata incluiu essa informação no comunicado ao Ministério da Saúde do Brasil. (CLP)

uso pulmonar”, relata a pesquisadora.

Inocência desastrosa – O perfil dos usuários de *crack* traçado na pesquisa dá as pistas para essa inocência desastrosa. “Geralmente, eram os mais jovens. E, enquanto o tempo médio de uso de cocaína era de nove anos para os que injetavam, os que fumavam se situavam na faixa de três anos, em termos de consumo”, diferencia Renata. “Menos tempo, porém o mesmo grau de prejuízo social”, ressalta. Por aí, se mapeou o grau de comportamento de risco: “Eram também os que apresentavam maior comprometimento familiar, valiam-se mais freqüentemente de renda ilegal e – acima de tudo – tinham maior envolvimento com prostituição”.

As entrevistas revelaram que, em comparação com os consumidores de cocaína endovenosa, os de *crack* mantinham um número maior de parceiros sexuais, ao mesmo tempo que confessavam ter menor preocupação com uso de camisinha.

“Esses dados me preocuparam muito. A tal ponto, que me senti motivada a encaminhar ao Ministério da Saúde sugestões para que elabore estratégias preventivas à contaminação e disseminação do vírus HIV que atinjam mais efetivamente os consumidores de cocaína e que busquem focar melhor essa parcela cada vez mais significativa de usuários que não se drogam pela via injetável”, declara a autora da tese.

DROGAS
DROGAS

de fumaça

ROLETA RUSSA

20% dos 252 pesquisados portavam HIV, sendo **33%** entre UDIs (usuários de drogas injetáveis) e **11%** entre UCs (usuários de crack)

51% não mudaram os hábitos, apesar de conhecerem os riscos

67% nunca usaram camisinha com o parceiro principal do sexo oposto

52% nunca usaram camisinha com parceiros ocasionais do sexo oposto

11% admitiram se prostituir em relações heterossexuais; desses, **56%** nunca haviam usado camisinha

15% admitiram se prostituir em relações homossexuais; desses, só **8%** responderam que sempre usaram camisinha e **46%** fizeram uso ocasional do preservativo



Fábio, que integrou o grupo pesquisado: orgulhoso por poder colaborar com a 'galera'

Números cruéis, mas úteis

A psiquiatra Renata Azevedo não esconde que sentiu, na entrega dos resultados positivos para HIV, "a etapa mais difícil" do trabalho. "(...) embora a maioria dos participantes estivesse 'protegido' ou acolhido em seu local de tratamento, o momento em que um dependente opta por procurar tratamento costuma ser de esperança e otimismo. A descoberta de ser portador do HIV representou, portanto, intenso sofrimento para todos, porém não invalida o benefício trazido pelo diagnóstico precoce e a possibilidade de redução na disseminação do HIV", relata.

Afinal, sua tese foi concluída no momento em que o Ministério da Saúde divulga que, dos 169 milhões de brasileiros, 540 mil portam o HIV e, desses, 13% são crianças, adolescentes e jovens entre 10 e 24 anos. E um levantamento recente da OMS indica que jovens viciados se esquecem frequentemente de usar camisinha, o que confirma que drogas são um dos mais importantes agentes de vulnerabilidade à Aids.

O Programa Conjunto da ONU para HIV/Aids (Unaid) situa o Brasil entre os quatro países do mundo com maior número de notificações. Em 1998, o Ministério da Saúde verificou que 25% dos casos notificados se relacionavam direta ou indiretamente a UDIs, com responsabilidade nos aumentos recentes na infecção de parceiras e em crianças, por transmissão vertical.

Finalmente, Campinas, cidade que serviu de base para a abordagem da pesquisadora, tem muito o que se beneficiar com esse trabalho. Em 1999, a Secretaria Municipal de Saúde comunicou que a principal via relatada de contaminação foi a sexual (43,4%), seguida da sanguínea (32,2%) e perinatal (2,2%). Porém, ao se dividir a transmissão sexual nas subcategorias hetero, homo e bi, e a via de transmissão sanguínea em UDI e transfusional, o UDI passa a ser a primeira subcategoria de transmissão. (CLP)



Foto: Júlio César Costa

A 'dose' que faltou no passado

"Se há uns 12 anos, rolasse um pouco mais de orientações claras e sem preconceitos, acho que eu não teria me contaminado. Ia dar um jeito de botar a saúde acima das drogas, apesar da vida zoadada que levava". O depoimento é de Fábio (nome fictício), um dos jovens que integraram o grupo pesquisado. E atesta conclusões da médica: "Os usuários de cocaína estudados demonstraram ter acesso a informações sobre HIV e Aids, embora não fizessem pleno uso desses conhecimentos. Entretanto, de forma nenhuma, pareceram ser refratários a abordagens preventivas".

A memória de Fábio ainda é marcada pelo impacto do dia em que recebeu o diagnóstico de que era soropositivo. "Mas, com o tempo, com a cabeça mais fria, cheguei à conclusão de que foi uma oportunidade pra que eu começasse o tratamento mais cedo, o que me deu chance de mudar de rumo e ir garantindo minha qualidade de vida", pondera o ex-dependente, hoje estudante de fotografia.

Ele se diz "orgulhoso" de ter colaborado com a pesquisa: "É bom saber que a experiência da gente pode servir pra livrar a galera de hoje das roubadas da vida. Além disso, recebi um apoio psicológico, que era o que mais estava precisando no momento".

AIDS, EIDES, SIDA

Para o ovinde de língua inglesa, Aids (eides) se entrelaça auditivamente como o verbo to aid – ajudar. Tal sonoridade convida a acreditar que o sujeito, ao se ver sentenciado pela palavra, se faz paciente e implora aid-ajuda. Pelo mesmo raciocínio, nas línguas latinas "intrigaria" o fato de a tradução da sigla para Sida equivaler sonoramente a "Cida". Ou seja, o "bipocorístico" (reducionismo que visa conferir carinho a nomes próprios) daquelas que se chamam Aparecida, "senhora dos milagres".

A maldição do primo pobre

Em 1985, nos EUA, o contingente mais miserável dos drogados, para quem a cocaína era cara demais, travou contato com as bem mais baratas pedrinhas ásperas e de um amarelado turvo que, ao serem fumadas em cachimbos improvisados (no Brasil, chamados de pipas), produziam efeito quase imediato. Era o advento do crack. Não uma droga nova, só um novo jeito de consumir cocaína.

O nome é uma onomatopéia inspirada pelos estalos emitidos na queima das lascas. Até então, o crack era produzido a partir da fusão, por calor, do cloridrato de cocaína com bicarbonato de sódio. Ao ser inalado, o princípio ativo da droga é absorvido rapidamente pelos capilares pulmonares, que o canalizam para a corrente sanguínea. O sistema nervoso central é atingido em, no máximo, três minutos. Embora mais lerdo que o propiciado pelo "pico" nas veias (efeito em dez segundos), o resultado do crack ainda se enquadra no que os usuá-

rios classificam de speed. Simplesmente aspirada, a cocaína pode demorar até meia hora para alcançar o efeito máximo.

Dos becos norte-americanos, o crack demorou uns cinco anos para se tornar de venda e uso freqüente nas grandes cidades brasileiras. No curso dessa "migração", já se começou a empregar a própria cocaína refinada na elaboração, o que praticamente eliminou a diferença de preços entre as duas modalidades da droga no mercado. Então, o que mantém o poder de atração do crack é justamente a velocidade com que causa o efeito euforizante.

Um efeito, contudo, que também se dissipa logo, no máximo em 20 minutos. Advém daí o poder viciante do crack: como se não bastasse a intensidade e quase imediata obtenção da euforia, o usuário é dominado pela "fissura" por nova pipada. E a maioria não mede esforços e riscos para isso.

Esse consumo desenfreado acelera os impactos físicos e psí-

quicos da droga. O sistema respiratório costuma ser o primeiro a ser afetado, com casos descritos até de edema pulmonar. Paralelamente, o viciado envereda por uma "montanha russa", que lhe reserva crises de ansiedade, hostilidade e depressão, até chegar, não raro, à chamada psicose cocaínica, marcada por delírios, mania de perseguição, enfim, todo um conjunto de sintomas que os próprios dependentes resumem no jargão *nóia*.

Por todas essas características, o consumo de crack tem se mostrado um incremento na violência urbana, incomparavelmente mais forte do que o proporcionado por qualquer outra droga até agora. Além do quê, como ressalta a tese de Renata Azevedo, ao degradar seu modo de vida, o dependente parte para relações sexuais descuidadas – muitas vezes no campo da prostituição, com vistas a conseguir manter o vício –, tornando-se um vetor em potencial para a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis. (CLP)

EDUCAÇÃO
EDUCAÇÃO

Os jovens ficaram alojados no Ginásio Multidisciplinar da Unicamp, cedido pela Universidade para o encontro: curso reuniu 1.500 participantes

Três personagens em busca da nova história

Pelo menos 1.500 jovens de todo o País participaram, de 14 a 23 de fevereiro, do "3º Curso sobre Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural", promovido pela Unicamp e pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Participaram como palestrantes, entre outros, Frei Betto, João

Pedro Stedile, Clara Charf, José Arbex, Lobão, Gilmar Mauro e Luís Carlos Guedes Pinto, pró-reitor de Desenvolvimento Universitário da Unicamp e organizador do evento pela Universidade. O Jornal da Unicamp entrevistou três jovens que participaram do curso. A seguir, os depoimentos.

ÁLVARO KASSAB

kassab@reitoria.unicamp.br

Jaelson Melquíades dos Santos, 23 anos, pode hoje voltar às coisas da infância remota, breve estação nas privações enfrentadas em sua vida. A mesa sertaneja posta nas casas do assentamento Canudos, em Alagoas, tem macaxeira, feijão verde, batata tirada da terra, galinha capoeira e o arroz branco, sem carrego no tempero. A fruta não é a "de pulso", amadurecida no abafo, mas a colhida no pé, no tempo certo, sem mais nem menos. Jaelson conhece o valor da fartura honesta. Só ele sabe o preço de cada sulco aberto em sua cara e da aspereza bruta da palma da mão. O sol a sol no roçado, diz, apronta dessas coisas.

Na verdade, sempre foi assim – e continua sendo –, mas o alagoano Jaelson tem hoje uma causa, não vive mais entorpecido apenas pelos efeitos. Cresceu com outras 14 pessoas num terreno de uma usina de cana, na região de Maceió, onde despencou a parentada na esperança de dias melhores. O trato foi feito no verbo: sua avó cedeu aos usineiros as terras que tinha em Arapiraca – região produtora de fumo do agreste alagoano – com a promessa de plantar o que bem entendesse. De quebra, seu avô e seu pai foram contemplados com o emprego de operário.

A família não passava fome, mas mais tarde ficaria comprovado que a barganha beneficiou apenas um lado. A área era suficiente apenas para o plantio das

culturas de subsistência - e nelas, menino ainda, Jaelson foi batizado na lida do roçado. Anos depois, a situação agravou-se com a demissão do pai. Sem saída, a família voltou para o agreste, mais precisamente para o município de Joaquim Gomes. O pai permaneceu desempregado e, para piorar, abandonou a família. Jaelson, então com 12 anos, e mais seus dois irmãos, foram introduzidos "no mundo da repressão, humilhação e exploração". Sem carteira assinada, saíam de casa às 4 da manhã para o corte da cana. Um dia de falta, diz, custava um mês de salário.

As coisas começaram a mudar há 3 anos, quando a militância do MST apareceu em Joaquim Gomes e convidou a família Santos a ingressar no movimento. A resposta foi imediata. Sem perspectiva de levar uma vida melhor, a prole engrossou a ocupação de um latifúndio improdutivo, hoje assentamento que abriga 142 famílias. Vivem do que plantam, o suficiente para comer e "ganhar uns trocados". Como sinal de gratidão pela acolhida, Jaelson milita juntos aos jovens de 32 assentamentos espalhados por Alagoas. Organiza atividades artísticas e prega um "novo modelo de agricultura, de educação e de homem".

Jaelson não quer ter mais do que já possui. Ele se satisfaz com "uma boa veste". E, claro, com um bom prato de feijão verde com galinha capoeira.



Continua na página 13

Jovens durante atividade: programação cultural intensa

ANÚNCIO

EDUCAÇÃO
EDUCAÇÃO



Marcela de Souza Silva: desprezo pela história oficial



Denise Carla Cornelli: na roça desde os seis anos de idade

▣ O bicharedo e o lançante

Com seis anos de idade, Denise Carla Cornelli acompanhava o pai, Lírio, na subida das trilhas que serpenteavam os morros da zona rural da cidade gaúcha de Júlio de Castilhos. Nem sempre a menina conseguia levar a enxada – a caminhada, iniciada às 4 horas da manhã, alcançava até 10 quilômetros. Lírio, cuja tarefa de arrendatário era roçar o terreno para os agricultores, saía em socorro da filha. No final da tarde, quando o sol se escondia na serra, depois do trato com o bicharedo e do banho tomado, pai e filha se ajeitavam num canto da varanda para comer polenta e entoar cantigas, conforme mandava a tradição dos imigrantes italianos, legada pelos pais de Lírio e da mulher, a professora aposentada Terezinha.

Denise viu, até os 10 anos, o pai arrancar os tocos, limpar a área e entregar a safra preparada por ele aos donos da terra desbravada, que ficavam com o lucro das lavouras de milho, soja e feijão. Na outra ponta, estavam os latifúndios improdutivos ocupados por pastagens de fachada, cujos proprietários sequer conheciam. Lírio logo percebeu que seu negócio não tinha futuro. Filiou-se ao sindicato local dos agricultores, que tinha o apoio da Pastoral da Terra, participando ativamente de um movimento então embrionário, que resultou, em 1980, na primeira ocupação da história do MST, o acampamento na Fazenda Anone, no município gaúcho de Sarandi, para onde foi com a família.

Os primeiros tempos do acampamento foram de padecimento. Denise abriu mão de tudo - inclusive dos estudos - para ajudar no orçamento doméstico. Foi trabalhar como babá num vilarejo a dois quilômetros do acampamento, “aprendendo a ser mãe aos 10 anos de idade”. Com dois meses de emprego, passou também a lavar, cozinhar e cuidar da casa. Sem registro, sua jornada chegava a 15 horas por dia, e o pouco que ganhava era destinado à família.

Denise suportou essa rotina três anos e meio. Depois de “chorar muito no sótão da casa, onde dormia”, viu que não havia mais sentido na vida que levava. Um episódio ocorrido num domingo de folga precipitou a decisão. Seu testemunho diz tudo.

“Me lembro que fiquei muito feliz quando meu pai entrou no movimento. Pensei: esse tal de movimento vai dar a terra para o meu pai, ele vai ter um pedaço de chão. Aquilo me marcou muito, foi uma época de muita violência, a gente apanhava da polícia e do exército. Como posso me esquecer dos helicópteros, dos cachorros, dos cavalos, das bombas nos acampamentos? Meu pai sofreu e eu senti isso, principalmente depois de um conflito que presenciei. Aconteceu numa caminhada: os militantes decidiram promover um protesto, uma marcha de muitos quilômetros. Eu estava vindo de onde trabalhava, para visitar meu pai, era um domingo. Aí, eu e meu tio vimos, lá longe, aquele povo marchando. De repente, avistamos num lançante, dos dois lados da ladeira, um monte de cabecinhas verdes. Era o exército... E aí eu disse para o meu tio que aquilo ia dar conflito. Meu tio quis ir embora e eu fiquei. Sabia que meu pai estava lá, não podia ir embora. Quando a marcha cbegou, foi aquela pancadaria. Os policiais e os soldados “jogavam” o povo lá de cima. Isso me marcou muito, eu era uma criança. Não vi meu pai, mas sabia que ele estava lá, isso a gente não esquece jamais”.

Lírio estava lá. Meses depois, Denise viu, num telejornal, o pai desmaiar na frente das câmeras depois de um confronto com a polícia. Foi a senha para que passasse a militar na lavoura coletiva do acam-

pamento durante um ano e meio. Depois de quase 5 anos na Fazenda Anone, onde estavam 2.500 famílias, os Cornelli foram para o assentamento Nova Ramada, onde permanecem até hoje. Lírio viveu apenas quatro anos na terra conquistada, mas antes de morrer vitimado por um câncer, saiu do coma, pegou a cuia de chimarrão e disse aos três filhos que sua maior alegria era saber que eles continuariam sua luta.

Filha do meio, Denise, hoje com 27 anos, milita no setor de formação de novos quadros, em assentamentos espalhados por todo o Rio Grande do Sul. O irmão mais velho é professor no Nova Ramada, profissão que a mãe Terezinha teve que abandonar ao ficar cega depois de sofrer um derrame no parto do filho caçula. Com parte da visão recuperada, ela vive da piscicultura e da “vaca de leite”.

Alfabetizada pela mãe aos 6 anos – já dominava nessa idade o italiano -, Denise conseguiu deixar para trás a maior de suas frustrações: ter interrompido os estudos. Concluiu o segundo grau e pretende cursar História e Pedagogia, para ensinar aos jovens que experiências de vida como a dela “são fruto de um processo secular de dominação”. Para ela, o outro lado da história precisa ser contado. Nem que seja numa varanda, com a cuia de chimarrão na mão.

▣ A congada e o leite queimado

Alface já nasceu/a chuva quebrou o galbo/alface já nasceu/ a chuva quebrou o galbo/ rebola chuchu, rebola chuchu/ rebola senão eu caio. A cantiga de roda sai vigorosa na voz de Marcela de Souza Silva, 18 anos, militante do MST desde o dia 13 de maio do ano passado. Mineira de Aimorés, leste de Minas Gerais, Marcela cresceu ouvindo a batida da congada e de outros ritmos nascidos no continente de seus avós. Brincou no terreiro em noite de lua, tomou leite queimado, enrolou pamonha no beirão do fogão à lenha, comeu bata-ta doce assada. Marcela diz que perdeu tudo isso, mas que guarda uma coisa: a capacidade de não aceitar a exploração.

Filha única, morou durante toda a infância em um sítio onde seu pai trabalhava como vaqueiro. Começou a desconfiar que algo estava errado a partir dos 12 anos de idade, quando constatou que a lida da família não resultava em benefício, que o pai não saía do lugar. Foi nessa época, também, que as diferenças sociais começaram a aflorar.

Na escola, passou a entrar em conflito com os professores por não aceitar a versão que eles conferiam à história do país. Em 1999, por exemplo, negou-se a fazer um trabalho de escola sobre os 500 anos do Descobrimento ao discordar do tratamento dispensado à abordagem. A insatisfação culminou com seu ingresso no movimento, apesar de num primeiro momento ter resistido ao convite feito pelos pais, já militantes. Mudou de idéia depois de visitar o acampamento no município de Serra (ES), região de Vitória, onde moram cerca de 200 famílias.

Está sob a lona há oito meses, e de lá, onde trabalha no setor de formação, não pretende sair tão cedo. Tem a tarefa de orientar militantes recém-chegados ao movimento e de trabalhar com os sem-terrinha, os filhos de assentados e acampados. Prestes a concluir o segundo grau, Marcela pretende estudar Filosofia e dedicar-se ao resgate das raízes culturais brasileiras que, segundo ela, estão sendo “esquecidas pela mídia, que manipula a verdade e promove a imagem de um país que não existe, além de perseguir o MST”. Tarefa fácil para quem cresceu no meio das comadres. E da exploração.

LIVRO
LIVRO

Perto do coração criança

Tese mostra a singularidade dos livros infantis de Clarice Lispector

ANTÔNIO ROBERTO FAVA
fava@obelix.unicamp.br

Antes mesmo que completasse sete anos de idade, ela já fabulava e inventava histórias. Aos 23 anos escreveu o seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, no qual já revelava o estilo introspectivo que marcaria toda a sua obra, uma linguagem que iria revolucionar a literatura brasileira.

Alguns críticos julgam-na uma autora de texto hermético, difícil de ler. Outros dizem que Clarice era uma mulher depressiva, melancólica, que transferia essa melancolia para seus textos, acompanhada de boa dose de crueldade, violência e sexualidade. Inclusive para as histórias destinadas ao público infanto-juvenil.

Mas nada disso procede, segundo a tese de doutorado de Nilson Fernandes Dinis – *Perto do coração criança: uma leitura da infância nos textos de Clarice Lispector* – defendida na Faculdade de Educação (FE), sob orientação da professora Agueda Bittencourt. Dinis afirma que a produção literária de Clarice Lispector para o público infanto-juvenil é singular. “Ela diverge do estilo moralista das histórias infantis feitas no

Brasil e rompe a velha e desgastada construção do texto que comumente se iniciava com o ‘era uma vez’, inaugurando um estilo novo”, afirma Dinis.

A autora emprega imagens que podem ser vistas como agressivas às crianças. Tinha, porém, grande habilidade para tratar desses temas com este público, sem infantilizá-lo, de maneira respeitosa e elegante.

No conto *A Mulher que Matou os Cachorros*, um cão é esfaqueado por outros cães. Mas existe uma lógica, embora cruel, mostrando que o cão entrou na briga para demonstrar seu amor pelo dono. “É uma cena de amor que revela como funciona o universo da criança, de uma forma intensa, direta e longe do universo moralista do adulto, que define o que é bom e o que é ruim”, explica Dinis.

“Quando me comunico com a criança é fácil, porque sou muito maternal. Quando me comunico com adulto, na verdade estou me comunicando com o mais secreto de mim mesma, daí é difícil... O adulto é triste e solitário. A criança tem a fantasia muito solta”, escreveu Clarice.

Poder de sedução – “Tenho várias caras. Uma é quase bonita, outra é quase feia. Sou um o quê? Um quase tudo”. Depressiva ou bem

humorada? Quem conviveu com a escritora diz que era uma mulher alegre, que vivia fazendo caretas e imitando pessoas. Bonita, tinha um grande poder para, inconscientemente, seduzir os homens que estivessem ao seu redor. Clarice criava suas obras como máquina de escrever sobre os joelhos, ao mesmo tempo em que cuidava dos filhos, Pedro e Paulo.



Nilson Dinis, da FE: tese desmente que Clarice Lispector (destaque) era uma mulher depressiva

ANÚNCIO

SERVIÇO
SERVIÇO

Intrusos na biblioteca

Equipe do Arquivo Edgard Leuenroth emprega técnica com gases para salvar livros e documentos históricos dos insetos

ROBERTO COSTA
rcosta@obelix.unicamp.br

Um espanador na mão e atenção redobrada para qualquer “pozinho” suspeito. Diariamente, Marineide Barbosa Mariano cuida da limpeza de 2.360 metros de documentos históricos guardados nos armários deslizantes do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. Parece serviço rotineiro, mas não é. Os documentos antigos que chegam ao AEL muitas vezes são preciosidades, mas também trazem grande risco de contaminar os outros volumes. Marineide tira o pó de cada um e, ao menor sinal de “intrusos”, faz um alarde.

De imediato é acionada Maria Aparecida Remédio, bibliotecária com treze anos de casa que se especializou em conservação e manutenção de arquivos. Remédio, cujo sobrenome remete a uma feliz coincidência, desenvolveu uma técnica onde se utiliza gases para manter íntegros os documentos. Empregado há pelo menos uma década no AEL, o sistema já foi implantado na Biblioteca Central da Unicamp, no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e no Centro de Memória de Santos.

O ‘livro suspeito’ é levado para uma pequena sala, onde outros exemplares já passam por um processo de desinfecção. Quem vê dezenas de volumes dentro de sacos plásticos pensa, a princípio, que eles estão preparados para presente. Nada



Marineide Mariano, do AEL: limpando cada volume para evitar contaminação

disso. Eles estão sendo submetidos a um sistema de vácuo, que elimina o oxigênio, para em seguida receberem uma carga de dióxido de carbono ou nitrogênio. Este processo dura horas, eliminando os insetos e, se for o caso, até seus ovos – são 120 horas (uma semana) no uso de dióxido de carbono e o dobro de tempo com nitrogênio.

Remédio explica que os insetos podem acabar com

uma coleção que demorou décadas para ser construída. “Os gases, além de eliminar com eficácia insetos agressores, não ameaçam a integridade do material”. A bibliotecária procura aprimorar a cada dia esta técnica, que está em fase de patenteamento (protocolado sob n. 4.465 do INPI, em outubro de 2000). No final do ano passado, ela percebeu que aqueles sacos aluminizados para embrulhar presentes de Natal poderiam acondicionar os gases com eficácia, no ambiente de purificação. A eficácia ficou comprovada na prática.

Modernidade – Verbas obtidas por meio do Projeto Fapesp permitiram que o AEL se modernizasse nos dois últimos anos. Os recursos de R\$ 619 mil foram usados para a aquisição de arquivos

deslizantes, um eficiente sistema de alarme e segurança e para o acondicionamento dos documentos em pastas de papel neutro. Sensores de temperatura e umidade relativa do ar, colocados em pontos estratégicos, subsidiam o monitoramento ambiental. Apesar disso, o AEL resente-se de uma nova sede, mais espaçosa. “Temos sido obrigados a recusar ofertas de coleções por falta de espaço”, afirma a supervisora da Seção de Pesquisa do Arquivo, Elaine Zanatta.

Elaine ministra, juntamente com Maria Aparecida Remédio e o professor Sidney Chalhoub (diretor do AEL e do IFCH), uma disciplina de arquivos, oferecida aos alunos de História, mas que também recebe estudantes de outros cursos da Unicamp. O AEL mantém ainda um boletim eletrônico mensal para deixar seus assinantes atualizados sobre as últimas novidades, serviço que estará completando três anos em julho.

E-album Edgard Leuenroth

A Unicamp adquiriu em 1974 o material histórico que Edgard Leuenroth armazenou por décadas. Fonte de consulta para muitos historiadores e tema para dissertações de mestrado e teses, a vida de Leuenroth agora é um *E-album* do AEL. Desde o final do ano passado, 70 fotos do jornalista e anarquista estão disponíveis na Internet, juntamente com um resumo de sua vida e atividades. Para a confecção do *E-album*, Maria Cimélia Garcia e Silvia Rosana Modena Martini, além das pesquisas, colheram o depoimento da filha do ativista, Nair Leuenroth Soubiê, que ainda cedeu, para reprodução, fotos inéditas do álbum da família.

Edgard Leuenroth (1881-1968) nasceu em Mogi Mirim (SP). Aos 12 anos, ingressou no jornal *O Comercio de São Paulo*, onde exerceu a função de tipógrafo durante 12 anos. Sua primeira edição jornalística foi em 1897, quando publicou o jornal crítico e literário *O Boi*. No início de 1900, passou a freqüentar o Círculo Socialista e acabou atraído para o movimento anarquista, do qual jamais se afastou.

Leuenroth desempenhou papel de destaque na greve geral de 1917 em São Paulo, ano em que fundou *A Plebe* (periódico anarquista que conquistou enorme penetração no meio operário, chegando a ser diário em 1919). Participou da fundação do Partido Comunista do Rio de Janeiro – grupo de tendência libertária que reuniu socialistas e anarquistas.

Na Internet:

<http://www.arquivo.ael.ifch.unicamp.br/edgard/edgard.htm>

Insetos que atacam livros

• **Piolhos de livros** – Insetos muito pequenos, providos de asas, medindo de 1 a 3 milímetros de comprimento. Têm a cabeça relativamente grande e mandíbulas dentadas na parte interna do aparelho bucal. Alimentam-se de fungos. Corroem os documentos, deixando orifícios menores que 1 milímetro e de contorno irregular.

• **Cupins** – Insetos que vivem em túneis dentro da terra, madeira ou ninhos. Compreendem 3 castas: os obreiros, que escavam túneis e constroem ninhos, coletam alimentos, nutrem outras castas; os soldados, que mantêm a ordem na colônia; e os reprodutores, alados, que abandonam as asas, acasalam-se e produzem jovens.

• **Brocas** – Pequenos besouros medindo cerca de 2,5 e 3,5 milímetros de comprimento, coloração castanho escuro ou preto e cobertos de pelos muito finos. Não se alimentam na fase adulta, que varia de 7 a 30 dias. Colocam seus ovos nas bordas das folhas ou nos orifícios da superfície das encadernações. As larvas vivem aproximadamente 11 meses e são elas que causam os estragos.

Por que CO2 ou N2?

• É um tratamento inócuo e sem resíduos de produtos químicos. É de fácil aplicação e de baixo custo, se comparado a outros processos de desinfestação. O método é seguro para os documentos e para as pessoas.

Conheça melhor a técnica em

<http://www.arquivo.ael.ifch.unicamp.br/pres-co2.htm>

Acervo do AEL e seu sistema de buscas

O acervo do AEL é composto por 50 fundos e coleções, com aproximadamente 24.000 livros, 5.000 folhetos, 200.000 manuscritos, 13.820 títulos de revistas brasileiras e estrangeiras, 3.470 títulos de jornais brasileiros e estrangeiros - parte em papel, parte em aproximadamente 3.000 unidades de microfiches -, 44.000 registros fotográficos, 1.100 postais, 2.000 cartazes, 1.300 fitas de áudio em cassette, 320 fitas de áudio em rolo, 660 fitas de vídeo, 320 películas cinematográficas, 1.330 discos, 620 partituras e 280 mapas.

Quando chegaram à Unicamp, em 92, as 16.585 fotos do jornal *Voz da Unidade*, que circulou entre 1980 e 1991, estavam em sua maior

parte sem identificação. Mas graças ao trabalho de pesquisa, cruzamento de informações e muita busca pelas páginas de mais de 10 anos da publicação, o arquivo fotográfico do *Voz da Unidade* hoje é mais um serviço oferecido pelo AEL.

As historiadoras Patrícia Cano Saad e Roberta Refosco, juntamente com duas técnicas contratadas especialmente para a função, terminaram no início deste ano um trabalho que durou quase dois anos. Ele contou com o apoio da Fapesp e da Fundação Vitae e pode ser consultado via Internet. As fotos não estão disponíveis na rede, mas existe um serviço de busca destinado a pesquisadores. Mediante a con-

sulta, o interessado terá acesso às fotos, podendo reproduzir as que necessitar.

Esta mesma busca é possível para se chegar a 34 diferentes coleções e fundos do AEL. Só no ano passado o Arquivo atendeu a 1.613 itens de pesquisas, possibilitando acesso a 3.072 materiais ali existentes. A média é de 143 usuários/dia. Pelo menos 30% das pesquisas referem-se ao público externo, formado por advogados, jornalistas, artistas e outros pesquisadores da história brasileira.

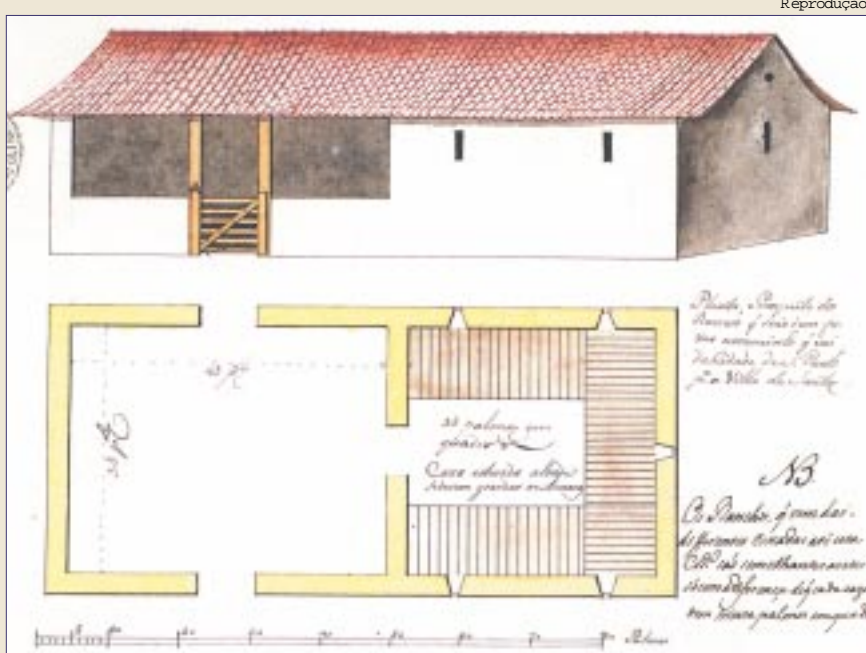
Para buscas:

<http://www.arquivo.ael.ifch.unicamp.br/pub-art14.htm>

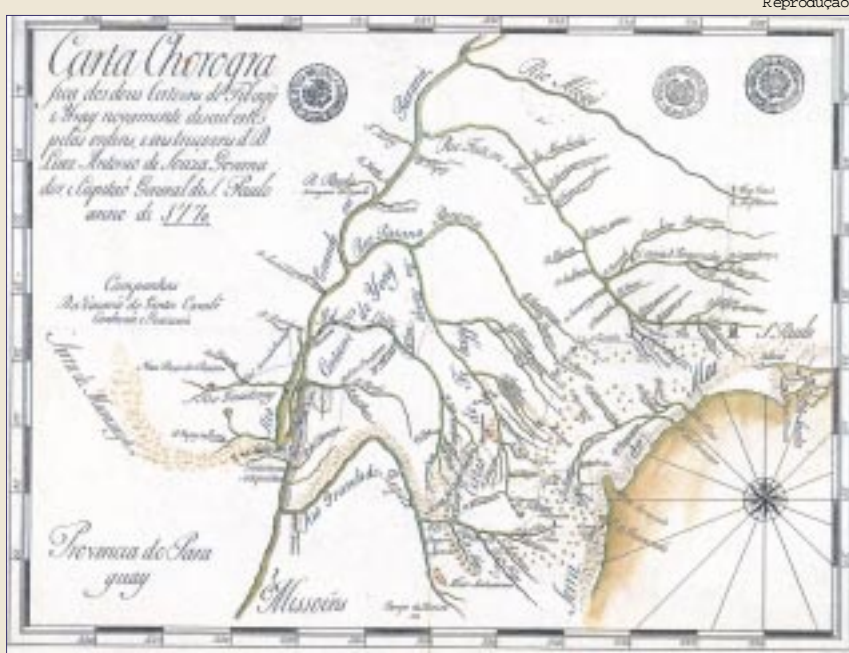
ANÚNCIO



A história recontada



Reprodução



Reprodução

Planta e prospecto de rancho típico do século 18 (à esquerda), e carta cartográfica feita em 1770 dos dois sertões de Tibagy e Ivay: controle geopolítico e estratégia

Projeto resgata milhares de documentos inéditos e lança luz sobre o Brasil Colônia

Alvará (cópia) do rei D. João IV ordenando que minas de ouro e prata, já descobertas ou as por descobrir, passem a ser propriedade dos vassallos que as achem, desde que paguem os devidos quintos e se submetam ao Regimento, passado ao (superintendente-geral das Minas do Brasil), Salvador Correia de Sá e Benevides, para administrar as minas de São Paulo e São Vicente. Por este regimento, as pessoas que descobrem minas devem se apresentar ao provedor delas para registrar sua descoberta, procedendo à exploração às suas próprias custas no prazo de 30 dias, devem demonstrar o metal achado. Seguem-se as medidas do terreno a explorar, como conviver com os exploradores vizinhos e todos os procedimentos a seguir para mineração do ouro beta.

O verbete acima consta no catálogo *Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo (1644-1830)*, coordenado pelo historiador José Jobson de Andrade Arruda, professor do Instituto de Economia da Unicamp. Mais que um mero registro de junho de 1644, revela uma ínfima parte do universo do Brasil Colônia, cuja história agora passa a ser revista com a conclusão do *Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco*, trabalho que passa a limpo e disponibiliza, ao público, fatos até então desconhecidos, que mostram como transcorria o dia-a-dia em 18 capitanias, que hoje correspondem a 22 Estados, entre os séculos 16 e 19.

Iniciado em 1994 com recursos do Ministério da Cultura, o *Projeto Resgate* mobilizou cerca de uma centena de pesquisadores brasileiros e portugueses, que vasculharam o Arquivo Ultramarino de Lisboa em busca de documentos inéditos. Os números impressionam: pelo menos 250 mil documentos foram digitalizados, microfilmados e catalogados, num trabalho que envolveu cerca de 110 instituições e consumiu US\$ 3 milhões. A parte de São Paulo, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), ficou em US\$ 250 mil.

Não foram poucas as descobertas, sobretudo no terreno dos hábitos e costumes. Como observa Andrade Arruda no texto de apresentação do catálogo, “a administração colonial era onipresente, tudo via e ouvia, reportando-se aos poderosos d’além mar, uma espécie de panóptico de Foucault aclimatado ao Novo Mundo, capaz de devassar todos os aspectos da vida em colônia, do público ao privado, urdindo no sentido da elaboração de regras coletivas da convivência em condições tão singulares da existência, que era o viver em colônia”.

E é justamente o “viver em colônia” que vem à tona na massa documental, pelo menos metade dela com a chancela do ineditismo. As histórias resgatadas derrubam velhas teorias e lançam luz sobre o período e sobre a historiografia oficial. A idéia do colono amorfo, por exemplo,

cai por terra. Os documentos revelam que ele não só reivindicava seus direitos, como também promovia manifestações quando não era atendido. Os documentos revelam, também, segundo Andrade Arruda, a relação entre a Metrópole e as colônias, as mazelas da burocracia, as condições em que viviam índios, mulheres, escravos e degradados.

O historiador vai mais longe na apresentação do catálogo. “A documentação fala da produção, da questão essencial dos alimentos, da produção mercantil, das formas de apropriação do excedente via dízimos e impostos, da meticulosa organização do regime exploratório das minas de metais preciosos, da extração madeireira. Fala do mapeamento do território, dos caminhos terrestres e fluviais, da ação incontida dos contrabandistas nas barras marítimas. Fala da vida religiosa, do comportamento dos eclesiásticos, de suas relações com as autoridades, entre si e com a população em geral. Fala de tudo, em suma, dos homens e dos anjos”.

Além dos aspectos do cotidiano da população, o trabalho resgata um vasto material cartográfico, como também plantas de fortalezas, cadeias, igrejas, quartéis e outros prédios públicos. Esse material revela como os colonizadores controlavam o espaço geopolítico e detinham conhecimentos de estratégia avançados para a época. “Os exímios cartógrafos portugueses em seus ateliês distorciam propositadamente as dimensões, aproximando ou alongando as distâncias quando lhes convinha, belo exemplo de manipulação ideológica da cartografia”, constata Andrade Arruda.



Foto: Miguel Boyayan/Fapesp

O historiador José Jobson de Andrade Arruda: concretização de um velho sonho

Velho sonho - Na verdade, o mutirão feito por pesquisadores e especialistas no Projeto Resgate concretiza um velho sonho, iniciado em 1838 com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cujo objetivo era a recuperação da documentação referente à história do Brasil. Apesar das inúmeras missões enviadas a Portugal, as tentativas foram frustradas.

Mais que a concretização de um sonho, o fato de a documentação se tornar acessível ao público está deixando os pesquisadores entusiasmados. Sobre a capitania de São Paulo, por exemplo, estão prontos 11 CDs, que guardam 7 mil documentos. Desse material, 20 coleções foram enviadas para universidades públicas e arquivos estaduais, que receberam rolos de microfilmes.

Assim, o interessado em pesquisar pode solicitar a duplicação do documento desejado. Além disso, outros dois catálogos serão publicados e distribuídos a partir do dia 22 de abril. A Fapesp também pretende colocar todo o material na Internet. “A democratização da informação é fundamental. Só os privilegiados tinham acesso aos documentos, como era o caso dos bolsistas. Como pesquisador, meu sonho era disponibilizá-los para uma massa muito grande, o que agora se tornou possível”, revela Andrade Arruda.